



Dezembro de 2018
ANO I Nº 05

Filtro

Compilações Seleccionadas



ENTREVISTA

MÁRIO SÉRGIO CORTELLA: 'QUEM NÃO GOSTARIA DE VER EXCELÊNCIA DE ESCOLAS MILITARES EM TODO O ENSINO?'

"Quem, em sã consciência, não gostaria de ver a excelência das escolas militares espalhada por toda a rede de ensino do país?", diz o filósofo, educador e autor de best-sellers Mário Sérgio Cortella em entrevista à BBC News Brasil.

Pg.06

CARLOS GHOSN: O FIM DA LINHA DO BRASILEIRO QUE CHEGOU LÁ



Carlos Ghosn, principal executivo da aliança Renault-Nissan-Mitsubishi, perdeu o emprego e foi preso no Japão Foto: Krisztian Bocsi / Bloomberg/Getty Images

Por João Sorima Neto- Epoca

Ao deixar de declarar quase R\$ 170 milhões ao fisco japonês, o executivo brasileiro que salvou a Nissan pode ficar dez anos na cadeia, após uma carreira brilhante

Na indústria automobilística, ninguém acumulou tanto poder na história recente como o executivo brasileiro Carlos Ghosn, de 64 anos. Ao salvar a montadora japonesa Nissan da bancarrota, há 20 anos, Ghosn ganhou fama e foi o único a ocupar simultaneamente a presidência de duas empresas listadas entre as 500 maiores do mundo pela revista *Fortune*: a francesa Renault e a própria Nissan. Sob sua gestão, o grupo, que mais tarde também incorporou a Mitsubishi, transformou-se no maior produtor mundial de veículos, com 10,6 milhões de unidades em 2017. Nesta semana, a biografia irretocável do superexecutivo ganhou um capítulo policial. O brasileiro mais célebre da indústria automobilística foi parar atrás das grades.

Preso no Japão, Ghosn é acusado de fraude fiscal entre 2010 e 2015. Nesse período, a soma de seus vencimentos no grupo Nissan-Renault teria chegado a 10 bilhões de ienes — o equivalente a R\$ 334 milhões. As investigações iniciais mostraram que ele deixou de declarar ao Fisco japonês algo como R\$ 167,4 milhões. Ghosn também está sendo investigado por suspeita de usar recursos da Renault em benefício pessoal, como reformar imóveis de luxo no Rio de Janeiro e em Beirute, no Líbano. Se for considerado culpado, pagará uma multa de 10 milhões de ienes — R\$ 334 mil — e cum-

pirará até dez anos de prisão. Também perderá o emprego, segundo a Nissan.

Sua prisão causou espanto entre seus pares. A pergunta que todos se fazem é o que teria levado um homem bilionário, tratado como uma celebridade e com uma carreira profissional irretocável, a usar de um expediente mesquinho para enganar a Receita japonesa. Só o próprio Ghosn poderá responder. “Sua prisão derrubou um mito do setor. Montadoras do Japão e da Coreia privilegiam seus executivos de carreira para a presidência, além de sempre preferirem um oriental. Ghosn, com sua gestão eficiente, foi o primeiro estrangeiro a quebrar esse paradigma, unindo culturas diferentes. Talvez seja um caso único na história”, disse a ÉPOCA um executivo de uma montadora no Brasil.

Ghosn nasceu na capital de Rondônia, Porto Velho, em 9 de março de 1954, onde seus pais, descendentes de libaneses, haviam se estabelecido para tocar diversos negócios, entre eles o comércio de borracha. A família deixou o país rumo ao Líbano dois anos depois do nascimento do menino, por recomendação médica. Ghosn tinha febre alta constantemente, causada pela ingestão de água contaminada.

A criança doente tornou-se um cidadão global. Ghosn formou-se em engenharia na França, na famosa École Poly-

technique. Além de árabe e português, aprendeu a falar inglês, francês e a arranhar o japonês. Começou sua carreira como trainee da fabricante de pneus francesa Michelin. Sua ascensão na companhia foi meteórica, e, aos 30 anos, Ghosn voltou ao Brasil para dirigir a operação da empresa. Tornou-se diretor executivo da Michelin nos Estados Unidos aos 34 anos. Em 1996, transferiu-se para a Renault e, três anos depois, foi mandado ao Japão com a missão de salvar a Nissan da falência. Naquele ano, a Renault havia desembolsado € 5 bilhões para ficar com 43,4% do capital da montadora japonesa. O investimento foi considerado uma loucura na época. O então vice-presidente da General Motors, Bob Lutz, afirmou, com sarcasmo, que seria mais prático empilhar uma montanha de barras de ouro em um navio e afundá-lo.

Assista o vídeo



QUEM É LUIZ HENRIQUE MANDETTA, QUE SERÁ MINISTRO DA SAÚDE



O futuro ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta

Por André Shalders - Da BBC Brasil

A equipe de transição do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL) anunciou o deputado federal Luiz Henrique Mandetta (DEM-MS) como o futuro ministro da Saúde, a partir do dia 1º de janeiro de 2019. O anúncio ocorreu no começo da tarde, no hall do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) de Brasília, onde trabalha o grupo de transição.

Coube à deputada Carmen Zanotto (PPS-SC) fazer o anúncio. "O nome dele (Mandetta) já tinha sido ventilado pelo Bolsonaro como possível ministro, na imprensa, há alguns dias. Na semana passada, a Frente Parlamentar da Saúde (FPS) e outras frentes da área se reuniram na Câmara para discutir. Ele tem o apoio das frentes. Tem também o apoio dos hospitais filantrópicos e das entidades médicas", disse ela à BBC News Brasil, depois do anúncio oficial.

Sul-matogrossense da capital Campo Grande, Mandetta é médico formado pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro (RJ). Em seguida, no começo dos anos 1990, fez residência no serviço de Ortopedia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - o serviço era chefiado pelo pai dele, o também ortopedista Hélio Mandetta, que foi vice-prefeito de Campo Grande, nos anos 1960.

Poucos anos depois, fez uma especialização em ortopedia infantil em Atlanta (EUA). Ainda nos anos 1990, trabalhou durante um ano como médico do Exército, no

posto de tenente - o período correspondia ao serviço militar obrigatório da época.

Mandetta entrou para a política em 2005, assumindo a Secretaria de Saúde da cidade de Campo Grande, no governo de Nelson Trad Filho (MDB), conhecido como Nelsinho Trad. Antes, de 2001 a 2004, foi presidente da Unimed de Campo Grande. Em 2010, candidatou-se para seu primeiro cargo público, o de deputado federal.

Foi eleito com 78,7 mil votos. Já no primeiro ano de mandato, foi escolhido por seus pares como presidente da Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), uma das mais importantes da Câmara.

Em 2014, Mandetta reelegeu-se deputado federal com 57,3 mil votos. Naquele ano, o deputado recebeu uma doação de R\$ 100 mil da Amil, uma operadora de planos de saúde - o valor representa menos de 5% dos R\$ 2,1 milhões que ele declarou ter arrecadado naquele ano.

Como Mandetta chegou ao cargo?

Politicamente, Mandetta integra o grupo político da futura ministra da Agricultura, Tereza Cristina (DEM-MS). Pesaram na indicação dele os apoios de entidades da área médica e de hospitais filantrópicos, como as Santas Casas, além de deputados ligados à área da saúde e que apoiarão o governo Bolsonaro.

Além de Cristina, Mandetta teve o aval do ministro extraordinário da transição, Onyx Lorenzoni (DEM-RS). Apesar disso, o Democratas trata as indicações como escolhas pessoais de Bolsonaro.

A indicação de Mandetta foi oficializada numa reunião com representantes do setor de saúde e parlamentares ligados ao tema, no CCBB.

Em sua primeira entrevista a jornalistas depois do anúncio, Mandetta atribuiu sua indicação ao apoio das entidades. "Praticamente todo o setor organizado (estava presente). Dos enfermeiros, dos médicos, de todas as demais profissões (...). Tiveram, pela primeira vez, um presidente que chamou o setor, dialogou com o setor para que a gente possa iniciar os trabalhos de recuperação da saúde brasileira", disse.

O futuro ministro comandará a pasta com um dos maiores orçamentos da Esplanada. O Orçamento de 2019 reserva cerca de R\$ 128 bilhões para a Saúde.

Por conta de seu trabalho como secretário de Saúde de Campo Grande, Mandetta responde a um inquérito que investiga suposta fraude em licitação, tráfico de influência e caixa dois - a investigação gira em torno da implementação de um sistema de prontuário eletrônico. Segundo uma auditoria da Controladoria-Geral da União de 2014, o pagamento foi feito, mas o sistema não foi instalado.

O futuro ministro nega irregularidades. Em entrevista nesta terça, disse que exigia auditorias frequentes do contrato enquanto era secretário, e que a implementação do projeto foi descontinuada por uma decisão posterior da prefeitura.

"E aí um deputado de um partido de oposição resolveu fazer essas denúncias. A gente se sente desconfortável, mas quem é uma pessoa pública tem de se submeter a essas situações", disse. Ele disse também que alertou Bolsonaro sobre o inquérito antes ainda de ter seu nome ventilado para o cargo.

Mandetta também será um dos poucos ministros da Saúde fumantes a assumir a pasta. Assim como vários outros deputados, frequentava o "fumódromo" em frente ao Salão Negro da Câmara nos intervalos das sessões.

Cubanos vieram em 'navio negreiro do século XXI'

Em 2013, Mandetta notabilizou-se como um dos principais opositores ao programa Mais Médicos, criado na gestão da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). Num texto em primeira pessoa publicado em seu site, Mandetta diz que o programa era "muito eleitoreiro".

"O governo não mais exigiu provas, tratou esses trabalhadores, não como trabalhadores individuais, mas como trabalhadores de um país como uma commodity, atingindo os trabalhadores, retendo seus salários retendo seus documentos, proibindo seu deslocamento livre no território brasileiro permitindo que supervisores do regime de Cuba fizessem esse tipo de fiscalização política de suas atividades e isso mereceu de minha parte a mais veemente condenação", escreveu ele.

Durante a votação que aprovou a criação do Mais Médicos, Mandetta disse que o convênio do governo brasileiro com a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) era um "gato" (como os de energia), e um "navio negreiro do século XXI". Disse também que o programa era uma "peça de marketing" da gestão de Dilma.

Na semana passada, quando o governo cubano decidiu retirar os cerca de 8,4 mil médicos do programa, Mandetta envolveu-se em uma nova polêmica: propôs que o governo usasse um dispositivo da Lei do Serviço Militar para obrigar os estudantes recém-formados em Medicina a atuar no programa. "Você coloca os médicos recém-formados como médicos militares aspirantes", disse ele.

"Este era um dos riscos de terceirizar uma área tão essencial. Me parece que era muito mais um convênio entre Cuba e o PT, e não entre Cuba e o Brasil (...). Nós precisamos de políticas que sejam sustentáveis. As improvisações em saúde costumam terminar mal", disse ele a jornalistas em sua primeira entrevista após a indicação.

*Colaborou Matheus Magenta, da BBC News Brasil em São Paulo



Diante de Jair Bolsonaro, Onyx Lorenzoni passa microfone a Mandetta na reunião que oficializou seu nome

Michelle Obama, uma viagem trepidante

De um humilde bairro de Chicago à Casa Branca. Michelle Obama repassa sua emocionante biografia num esperado livro de memórias, no qual convivem a combativa aluna de Direito, a mãe estressada de primeira viagem e a primeira-dama dos EUA.



Michelle Obama começou a processar o ocorrido desde que seu marido, Barack Obama, cogitou a possibilidade de disputar a presidência até a fria manhã de inverno (20 de janeiro de 2017) em que subiu numa limusine com Melania Trump e a acompanhou à posse do novo presidente dos Estados Unidos. “Comparo esses anos à experiência de sermos disparados por um canhão. Com tudo o que passava voando ao nosso lado a mil quilômetros por hora, enquanto nos limitávamos a nos agarrar como se a nossa vida dependesse disso”, conta, dias antes do lançamento oficial da sua esperada autobiografia. Aos 54 anos, sente que sua vida continua progredindo. Não pensa em parar. Em sua nova casa, num bairro tranquilo e luxuoso de Washington, o tempo começa a parecer diferente. Descalça e de bermudas, um de seus trajes favoritos para se sentir à vontade, desfruta das coisas simples. Ainda não pode sair à rua sem seguranças, mas gestos cotidianos, como preparar um sanduíche de queijo e degustá-lo sozinha no jardim, a fazem lembrar que sua nova vida já é um fato. “Por sorte, nestes dois últimos anos pude respirar mais tranquila”, acrescenta. Foi justamente em seu novo lar onde sentiu que tinha muitas coisas para contar e decidiu começar a escrever. Em *Minha História* (Objetiva), uma biografia com mais de 500 páginas, ajusta contas com o passado, desde que era uma aluna negra numa elegante universidade majoritariamente branca, até sua vida como mãe estressada de primeira viagem e os oito anos como primeira-dama dos Estados Unidos.

Minha História foi colocada à venda em 34 países. A

biografia de Michelle Obama, pela qual a Penguin Random House pagou um valor superior a 60 milhões de dólares (224 milhões de reais), terá uma segunda parte, assinada por seu marido, e será publicada no ano que vem. Markus Dohle, CEO do grupo editorial, que negociou pessoalmente a compra de direitos, brincou com os funcionários dias antes do anúncio afirmando que haviam ficado com os bolsos vazios. É que o ex-casal presidencial se transformou em um símbolo que gera muito dinheiro. Recebem valores de seis dígitos por participar de conferências e debates, e meses atrás assinaram um contrato exclusivo com a Netflix para produzir documentários e filme. Todos os olhares estão agora em Michelle. Suas campanhas em defesa de uma dieta saudável para melhorar a saúde infantil fizeram com que 45 milhões de crianças se alimentem de maneira saudável nos colégios e 11 milhões pratiquem alguma atividade física; são apenas uma amostra do que seria capaz de gerir se tivesse poder. As pesquisas em seu país a colocam como um dos personagens públicos mais valorizados, mas a senhora Obama esclarece dúvidas em sua biografia. Não, não pensa em se dedicar à política: “Não tenho a menor intenção de concorrer a um cargo público. Nunca”. Claro que, algumas vezes, negativas tão firmes tendem a significar o contrário. Como cidadã e membro do Partido Democrata, lhe preocupa o rumo tomado pelos Estados Unidos. Não suporta a tensão política que leva a uma “divisão tribal entre vermelhos e azuis” e a ideia de que devemos escolher um lado e apoiá-lo até o final.

Envolvida na divulgação do livro, a autora respondeu várias perguntas por e-mail, evitando qualquer assunto minimamente político e temas que não estão no livro. De antemão especificou que não falaria de Donald Trump, ainda que nas memórias o descreva como o típico “aproveitador” e “a materialização mais feia do poder”. Acostumada desde criança a enfrentar essa máxima ancestral da comunidade negra que afirma que você deve ser bom em dobro para chegar à metade da distância, Michelle mantém a esperança diante da adversidade política. Pessoalmente confia na força das instituições e encoraja a votar maciçamente como elemento imprescindível para apoiar a mudança.

Michelle Robinson (Chicago, 1964) cresceu no South Side, um bairro humilde de maioria negra. Ela se define como ambiciosa, teimosa, alguém que pode chegar a levantar a voz quando se irrita e até, como reconhece que fazia quando criança com seu irmão, usar os punhos se for preciso. Claro que o tempo e a experiência aplacaram seu caráter, ainda que diante dos problemas continue

procurando respostas concretas. Cresceu e se educou no que denomina o “som do esforço” inculcado por sua tia Robbie, sua exigente professora de piano com quem dividiam a casa, cada família em um andar. “Robbie foi um exemplo importante para mim. Em minhas memórias conto que às vezes discutíamos. Quando comecei com as aulas de piano, tinha quatro ou cinco anos, mas, mesmo sendo pequena, não conseguia gostar de seu método de ensino. Tinha minhas próprias ideias sobre como aprender as escalas e os acordes, pulava de uma parte do livro a outra e aprendia música de ouvido. Mas Robbie estava empenhada em que eu deveria seguir seu caminho, de modo que, a cada poucos dias, a teimosa garota e sua igualmente obstinada professora diminuíam suas diferenças diante do piano da segunda”. Com o passar do tempo, descobriu que aquela experiência foi o período em que começou a desenvolver sua própria voz, uma fase que fazia parte de um processo que considera absolutamente decisivo à pessoa que chegou a ser: “Nas décadas seguintes precisei aprender a utilizar minha voz em inúmeros cenários, do bairro com seus valentões às salas universitárias, passando pelas salas de reuniões dos escritórios de advocacia e as praças e estádios do mundo. E me dei conta de como tive sorte de ter pais e professores, pessoas como Robbie, que não me fizeram calar. Pelo contrário, me permitiram desenvolver e utilizar minha voz. Espero que os pais fomentem esses valores em seus próprios filhos. E espero que ninguém, especialmente as jovens, jamais tenha medo de fazer ouvir sua voz”.

Pertencer à minoria afro-americana marcou sua vida, mas aprendeu a viver com isso. Desde criança sentiu que sempre precisava vencer batalhas. “Vocês ficarão sabendo” se transformou em algo assim como seu lema frente à adversidade. Foi uma aluna de destaque. Nos colégios em que estudou fez parte das crianças que eram separadas do restante para conseguir melhor rendimento, uma ideia que reconhece como “controversa”. E se endividou como muitos jovens americanos para poder pagar a faculdade de advocacia em Harvard. “Com o tempo cheguei a avaliar que minha educação não teve nada de mágico. Eu não tinha nenhum gênio e tesouro particular. Não era um prodígio de nenhuma forma. Simplesmente, me esforcei muito em dar o melhor de mim mesma. Como minha mãe gosta de dizer, em minha cidade existem milhares de Michelles por todos os lados, meninas e meninos com talento, diligentes, honestos e genuínos que se preocupam pelas coisas. Eles também poderiam ter sido presidentes, presidentas, primeiras-damas e primeiros-cavalheiros. Minha mãe não o diz como piada ou por gentileza. Minha vida deu muitas voltas. Acabei sendo a primeira-dama dos EUA, de maneira que minha história se tornou pública, mas em meu bairro existe mais de uma criança cuja história orgulharia a todos nós”, afirma.

Sua biografia, narrada cronologicamente, não traz detalhes íntimos. Quando seu sonho parecia ter se realizado, após se formar em Harvard e ser contratada por um importante escritório de advocacia no 47º andar de um edifício em Chicago, onde trabalhou por um tempo como chefe de seu futuro esposo e recebia um bom salário, decidiu deixar o emprego movida por sua vocação do serviço público. Na época já havia se apaixonado pelo brilhante advogado com quem dividia escritório. Marian, sua mãe e conselheira, costumava alertá-la quando tinha dúvidas: “Primeiro ganhe dinheiro e depois se preocupe com sua felicidade”. E ela seguiu o conselho ao pé da letra. Começou a trabalhar como diretora de uma organização sem fins lucrativos, que ajudava jovens a desenvolver uma carreira profissional, e como vice-diretora de um hospital melhorando o acesso à saúde das classes mais desfavorecidas. Após se casar, vestida de branco sob os acordes de *You and I (We Can Conquer the World)* [Eu e Você (podemos conquistar o mundo)], de Stevie Wonder, começou a consolidar um “nós” tão sólido como eterno.

Continua...



Michelle Robinson quando bebê, em Chicago.

Sincera e algumas vezes politicamente incorreta, relata sem problemas, bem ao estilo da narrativa americana, a relação com seu marido, do primeiro beijo às discussões cotidianas motivadas por esperanças infrutíferas na hora do jantar. “Tentei ser a mais sincera possível. Sei que muita gente acha que eu e Barack somos um exemplo de relação pela qual vale a pena lutar. Nós dois valorizamos que achem isso, mas também quero me certificar que as pessoas saibam que o casamento pode ser extremamente difícil e extremamente gratificante, e que na maioria dos casos você não pode ter uma coisa sem a outra. Não quero que as pessoas vejam fotos de nós dois nos abraçando atrás das estantes e sorrindo juntos sob o brilho dos holofotes e pensem que conseguimos somente estalando os dedos. Eu comparo essa situação às redes sociais. O que vemos nas notícias que publicamos são os momentos especiais da vida de outras pessoas, as festas, as férias e os beijos em uma cesta de balão, mas não vemos as dificuldades, as longas conversas e o esforço que custa avançar para se entender mutuamente. E justamente aí se formam os vínculos verdadeiros entre duas pessoas. Pensei que era meu dever, especialmente diante dos casais jovens, contar nossa história com mais detalhes”.

Desde que se conheceram, Barack Obama se destaca por seu brilhantismo. As empresas o disputavam, mas ele parecia mais interessado pelos direitos civis e a organização comunitária. Foi professor de direito na Universidade de Chicago e diretor da revista *Harvard Law Review* antes de ser eleito como senador pelo Partido Democrata no Estado de Illinois. A vida do casal foi regida pelo mantra de que a igualdade é importante, mas todo o peso da maternidade caiu sobre ela, uma situação que se agravou quando seu marido entrou de cabeça na política, o que a obrigou a retroceder em suas ambições e se transformar na mulher de um político com toda a carga de solidão que isso acarreta. No final de 2006, quando chegou o grande momento e surgiu a possibilidade de disputar a presidência, ocorreram cenas de brigas e lágrimas pela repercussão que a decisão teria sobre sua família. Ele queria se candidatar e ela não queria que ele o fizesse, mas a decisão final ficou nas mãos dela. A política ganhou. A família precisou se mudar de Chicago a Washington e ela se transformou na primeira-dama, um trabalho que oficialmente não existe, mas acabou lhe dando uma plataforma de conhecimento e contatos que nunca teria imaginado. “Conheci pessoas que considero superficiais e hipócritas, e outras (professoras, esposas de militares...) cujos espírito é tão profundo e forte que se torna espantoso”.

Durante dois mandatos presidenciais foi enaltecida como a mulher mais poderosa do mundo e elevada à categoria de mulher negra mal-humorada. Posou sorridente com pessoas que insultavam seu marido, mas que ainda assim desejavam uma recordação. Durante oito anos morou na Casa Branca e sua vida foi submetida a uma exposição permanente. Dormia em uma cama com lençóis italianos; tinha maquiadora, cabeleireira e assessora pessoal sobre como se vestir. Viajava em uma caravana de veículos que nem sequer parava nos faróis, se esqueceu do que significava fazer compras, as refeições eram preparadas por uma equipe de chefs de fama internacional, mas em todo esse delírio tentou não perder as perspectivas. Como terapia, optou por manter seu eterno grupo de amigas, mães de Chicago às quais se refere como um porto seguro de sabedoria feminina. “Quando nos mudamos para a Casa Branca, sabia que continuaria precisando do apoio delas. Foram meu ancoradouro. Costumava convidá-las, especialmente se precisava de uma lufada de ar fresco, e por isso vinham a atos públicos como se fossem as brincadeiras de procurar ovos de Páscoa e festas de Natal. Vinham quando eu precisava falar. Às vezes me sentava e conversava com uma amiga durante horas, do almoço ao jantar. Não passávamos o tempo falando de política e do que se passava no mundo, costumávamos conversar sobre nossas famílias, nossos altos e baixos e esperanças sobre o futuro, que eram os assuntos que sempre haviam nos conectado. Às vezes comentavam como era estranho estar naquela casa tão bonita e com tanta história e conversar como se estivéssemos em nossa cozinha de Chicago em uma tarde de sábado”.

Graças às 500 páginas do livro sabemos, entre outras coisas, que é uma fanática da organização, que odeia o tabaco, que suas filhas nasceram por fecundação in vitro e como era a cama que dividia com Barack quando eram namorados. “Não acho que é benéfico para ninguém retocar sua história; nem a mim, nem a ele, nem a nenhuma das pessoas às quais gostaria que minha biografia chegasse. Não acho que ninguém deva se envergonhar de



Michelle Obama no apartamento que dividia com Barack Obama quando eram ambos advogados jovens e apaixonados. CORTESIA DA FAMÍLIA OBAMA-ROBINSON

sua vida, particularmente os que precisaram lutar. Todos passamos por crises de confiança. Os problemas de fertilidade são comuns. Fracassar, duvidar de si mesmo, sentir-se vulnerável são experiências que nos tornam humanos. Ao refletir, descobri que a essência de minha história, o centro do meu processo de chegar a ser, era definida por meus momentos de luta. Essa foi a razão pela qual decidi contar minha vida”.

Ao longo de sua biografia deixa bem clara a separação familiar de poderes que se instalou durante os oito anos que morou na Casa Branca, tanto que quase parece que soube da morte de Bin Laden ao mesmo tempo que o restante do mundo. Obama fechado em seu escritório, reunido, revisando relatórios... e ela ocupada com sua horta nos jardins da Casa Branca, um de seus principais projetos, e, como sempre, vigiando a educação de suas filhas, Malia e Sasha, tentando evitar que o fato de seu pai ser o presidente dos EUA interferisse muito em sua relação com os jovens de sua idade.

Ao longo de sua vida, Marian, sua mãe, a quem levou para morar com eles na Casa Branca, foi o esteio no qual se apoiou sempre que precisava se ausentar para acompanhar o presidente em viagens oficiais e visitar famílias que acabavam de perder tudo o que tinham arrasadas por um furacão e acompanhar em um funeral os pais das crianças assassinadas após um tiroteio em um colégio. Somente sua mãe parecia se livrar dos rigores impostos pelo serviço de segurança. Ela gostava de se sentar para conversar com os empregados da residência presidencial e sair para passear sem a pressão da popularidade. Os Obama foram a família presidencial número 44. Nessa época, quando olhava as fotos das pessoas que haviam consagrado sua vida à política (os Clinton, os Gore, os Bush), se perguntava se viviam felizes e seus sorrisos eram autênticos. Agora que sua foto ocupa o mesmo lugar de seus predecessores, aprendeu a relativizar as coisas. Já não analisa minuciosamente seus conjuntos e não se sente julgada o tempo todo. Ela e seu marido deixaram de se chamar Potus e Flotus (nomes em código para os agentes de segurança). “Cresci como uma menina da classe trabalhadora, criada por bons pais. Esperava que minha família e sua comunidade se sentissem orgulhosos de mim. Muitas vezes cheguei a ser a única mulher negra da reunião, e me transformei em uma pessoa que se esforçava por definir a si mesma ao mesmo tempo em que dividia seu casamento com sua carreira profissional e suas duas filhas. Eu me encontrei em situações que jamais havia imaginado, abrindo caminho pelo mundo através de muitas tentativas e erros”, acrescenta. “Enquanto estive na Casa Branca, nunca esqueci de nada disso, e acho que foi o que me ajudou a suportar muitas das dificuldades que cruzaram meu caminho. Quando toda sua vida é uma vitrine, sua forma de falar e seu aspecto, sua forma de criar seus filhos e de se comportar, é preciso ter algo onde se refugiar. Meu passado serviu como refúgio”.

Histórias e personagens se sucedem ao longo das páginas, como o momento em que conheceu seu admirado Nelson Mandela, e uma nota sobre sua viagem à Europa e seu encontro com a rainha Elizabeth II, a quem abraçou carinhosamente, rompendo anos de protocolo, enquanto conversavam sobre a vontade que as duas tinham de tirar os sapatos. É difícil colocar toda uma vida em um volume. Cada um sentirá falta de novos detalhes. Em suas memórias não aborda muitas das decisões políticas de seu

marido, mas também não diz nada a respeito, por exemplo, da viagem a Johannesburg para o enterro do presidente do país no qual estiveram presidentes de outros Governos. Vendo a série de fotografias desse dia, parece que ela não gostou muito da selfie que seu marido fez com o primeiro-ministro britânico David Cameron e a primeira-ministra dinamarquesa Helle Thorning-Schmidt.

Michelle Obama sempre pensou que tinha um plano. Qual é o seu agora?

“Tirei um tempo para pensar. Sabia que, quando saíssemos da Casa Branca, precisaria relaxar e processar o que acabávamos de viver. Em relação ao que virá, ainda não fiz muitos planos concretos. Evidentemente, Barack e eu estamos ligados ao serviço público. Faz parte de nosso DNA. Consequentemente, dedicaremos muito tempo a trabalhar para melhorar a vida das pessoas dentro e fora dos Estados Unidos. Através de nosso trabalho com a Fundação Obama procuramos motivar uma nova geração de líderes de todo o mundo, e em outubro apresentarei uma iniciativa chamada Global Girls Alliance [Aliança Mundial de Garotas] dirigida a empoderar as adolescentes através da educação. Nesse momento existem no mundo 98 milhões de meninas adolescentes sem escolarização. São jovens brilhantes e trabalhadoras com um potencial infinito. Só precisam da oportunidade de receber educação, de maneira que possam transformar promessa em realidade. É um assunto que me apaixona e me deixa esperançosa em trabalhar”. Por enquanto, se sente feliz com sua biografia



ASUS ZenFone 5 ZE620KL
Global Version 6,2 polegadas
FHD + 4GB RAM 64GB ROM
Snapdragon 636 4G Smartphone

R\$1.497,05

MÁRIO SÉRGIO CORTELLA: 'QUEM NÃO GOSTARIA DE VER EXCELÊNCIA DE ESCOLAS MILITARES EM TODO O ENSINO?'

Por Ricardo Ferraz - Fonte: BBC News Brasil

Se um dia, ministro da Educação eu fosse, e tivesse recurso para colocar em todas as escolas públicas brasileiras o mesmo orçamento que tem a Escola Naval em Angra, não teria dúvida em fazê-lo", afirma Cortella, que faz, no entanto, uma ressalva: a de que a disciplina militarizada não combina com a sala de aula. "A disciplina militarizada tem outro tipo de objetividade", pondera.

Cortella, que chegou a ser cotado para um eventual governo do candidato derrotado Fernando Haddad (PT), sinaliza uma tentativa de se afastar da polarização que marca os principais debates do país, em especial aquele que envolve a educação brasileira. Defende que, passadas as eleições, é preciso eliminar ressentimentos.

"As pessoas que não pensam como eu não estão necessariamente erradas, mas não é porque não pensam como eu que, só por isso, estão certas", diz, citando o educador e filósofo Paulo Freire, reconhecido por lei como o patrono da educação brasileira, e com quem Cortella atuou por mais de 18 anos.

"Se diz que Paulo Freire era comunista. Jamais! Ele não teve nenhuma perspectiva de adesão aos sistemas totalitários nos países de organização comunista. Paulo Freire era socialista no sentido de agregar o lema da revolução francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade", afirma.

O educador critica os argumentos "superficiais" ou propositalmente "canalhas" que deturpam debates relevantes sobre educação. "Não está se defendendo dizer para crianças de 12 anos de idade, numa sala de aula, que gênero é uma escolha, você que decide, é livre. O que está se falando é que as pessoas que têm essa condição precisam ser respeitadas e não podem ser entendidas como 'menos pessoa', 'menos gente'. Elas não são inferiores por serem diferentes."

Embora veja com maus olhos iniciativas como as ameaças de filmar professores em sala de aula, Cortella pondera que as reivindicações do movimento Escola Sem Partido fazem parte do debate de ideias em um regime democrático. "O que eu sou avesso é a aprovação de algo que instala uma tornezeira eletrônica no magistério", destaca.

Reportagem recente da BBC News Brasil demonstrou que o Escola Sem Partido, que pretende denunciar uma suposta ideologização do ensino, já afeta a rotina de muitas escolas. Como o senhor vê essa proposta, apoiada pelo presidente eleito, Jair Bolsonaro?

Mário Sérgio Cortella - Antes de mais nada, é uma possibilidade da democracia. Você pode ter grupos sociais que fazem pressão e desejam que a sua maneira de enxergar o mundo seja colocada em todos os territórios. A democracia não recusa que as pessoas possam apresentar as suas reivindicações, o que ela recusa é a aprovação de uma reivindicação que não tenha sentido para a comunidade e para a coletividade.

O que eu sou avesso é a aprovação de algo que instala uma tornezeira eletrônica no magistério. Afinal de contas, quando se sugere às alunas e alunos, a partir da fixação de um cartaz, que eles fiquem em estado de vigilância permanente e sejam capazes de filmar e dizer aos seus pais e para a comunidade que o professor, ou professora, está dando um passo naquilo que ele, o aluno, considera equivocada, isso é uma tornezeira eletrônica. Em vez de a docência ficar em estado de auto vigilância, algo necessário para quem é educador ou educadora, o projeto instala algo externo, que mantém os professores sob uma ameaça.

A recusa da ideologização do cotidiano da escola é um princípio pedagógico que precisa ser colocado, mas quando alguém apresenta um projeto chamado Escola Sem Partido, minha pergunta é sempre óbvia:

"Quem, em sua consciência, não gostaria de ver a excelência das escolas militares espalhada por toda a rede de ensino do país?", diz o filósofo, educador e autor de best-sellers Mário Sérgio Cortella em entrevista à BBC News Brasil.

Como nem que eu tivesse um milhão para quem aquela forma religiosa não é correta? Pode ser que não haja uma consciência da doutrinação. O professor é capaz de, sem notar, influenciar a cabeça de quem ele está formando.

A pedagogia brasileira tem uma marca muito grande de origem francesa. Os intelectuais que saíram do Brasil durante o período da ditadura militar, entre 1964 e 1984, e que ficaram no exílio, em grande medida, foram estudar na França, onde predomina uma sociologia que bebeu na fonte marxista. Ao trazer para o Brasil essa perspectiva, na sociologia, na economia, na filosofia, isso veio junto.

Mas supor que o marxismo tem essa presença dentro da escola na formação docente, seria supô-lo incapaz. Por uma razão: se há uma doutrinação, é preciso explicar porque, quando a gente tem uma eleição, se elegem várias pessoas para o legislativo e para o executivo avessas ao marxismo. O que levaria alguém formado sob essa influência votar em quem é contrário a ela? De duas, uma: ou não há doutrinação, ou esse grupo que doutrina é incompetente.

Um projeto de lei de autoria popular pretende retirar de Paulo Freire o título de patrono da educação no Brasil. Como o senhor vê as críticas ao educador?

Cortella - É, de novo, uma possibilidade da democracia. Qualquer cidadão pode propor alteração na homenagem. No entanto, acho inadequado que isso seja feito em relação a Paulo Freire. Quando ele foi consagrado como patrono, em 2012, por um projeto de lei na Câmara dos Deputados, isso ocorreu porque ele é o educador contemporâneo brasileiro com maior presença internacional. Ele é o terceiro autor, na área de ciências humanas, mais citado no mundo. No programa do candidato eleito, Jair Bolsonaro, está "expurgar Paulo Freire das escolas". Ele venceu com essa condição e agora tem dois caminhos: ou implanta isso ou dá um passo atrás, como fez em outros campos.

Uma das acusações que se faz é o pensamento marxista de Paulo Freire. Mas ele não era marxista, é sim marxiano - alguém que usava alguns pensamentos de Karl Marx. Eu uso algumas coisas de Aristóteles e não sou aristotélico, uso algumas coisas que Voltaire escreveu e não sou um iluminista francês do século 18. As pessoas, às vezes, se grudam em palavras. Um partido Social Liberal (PSL, do presidente Jair Bolsonaro) é socialista? Não.



naquela época, o que era uma perspectiva de um movimento revolucionário de libertação. Ele tinha uma admiração por aquilo que era a educação cubana, mas não tinha admiração alguma pelo modo de gestão da vida do cidadão em Cuba. Nunca vi Paulo Freire falando ou escrevendo que ele defendia o sistema cubano de poder. Ele nunca defendeu a União Soviética, até porque nunca foi comunista. Acho que Paulo Freire, em alguns momentos, se encantou com um sonho de uma sociedade igualitária, mas, dificilmente, ele diria que governos como o da Venezuela ou da Coreia do Norte seriam admiráveis.

Paulo Freire pode ter feito algum elogio aos movimentos mais autoritários na África, nos países que se libertaram do jugo lusitano. Portanto, não acho que haja contradição. Seria contraditório hoje se Paulo Freire elogiasse um regime que já deu para enxergar como sendo mera ditadura e não um projeto de libertação.

Outro ponto que causa muita discussão é a educação sexual nas escolas, e o que alguns grupos chamam de "ideologia de gênero". Qual sua opinião sobre o tema?

Cortella - No Brasil, às vezes, quando se quer desqualificar alguma coisa que seja normativa na formação da cidadania, a gente muda o nome dela para algo que pareça mais ridículo. Chamar as políticas de recusa ao preconceito e à intolerância na escola de "kit gay", por exemplo, é uma maneira desqualificá-las.

Do ponto de vista de política geral de educação, a formação sexual, no sentido do sexo inteligente, programado, responsável, cauteloso, é necessária. Não precisa ser obrigatoriamente uma matéria com esse nome. Em muitos países isso é feito com um projeto pedagógico mais geral.

A Organização Mundial de Saúde, desde o final dos anos 1990, excluiu a homossexualidade do rol de doenças psiquiátricas. Desde então, se fala do tema do gênero, da transexualidade, da homoafetividade como um campo que precisa ser cuidado. A escola não poderia ficar avessa a trazer isso para o seu interior. Mas se começou a falar que existe uma ideologia que queria estilhaçar a noção de gênero masculino ou feminino.

Continua...

Há, de fato, pessoas que criam exageros em relação a essa discussão. Dá a sensação de que é a única pauta possível. A escola não pode só lidar com a questão do preconceito e da orientação sexual. Se ela fizer só isso, ela tá sendo parcial. Mas se ela também não pode só ensinar filosofia, língua portuguesa, língua estrangeira, biologia, matemática, entre outras matérias.

A discussão assustou muita gente porque ela é muito recente. Em menos de 20 anos, nós tivemos vários países que começaram a discutir isso e legalizar as relações homoafetivas. E aí começa a se falar que nós estamos num mundo perdido.

Não está se defendendo dizer para crianças de 12 anos de idade, numa sala de aula, que gênero é uma escolha, você que decide, é livre. O que está se falando é que as pessoas que têm essa condição precisam ser respeitadas e não podem ser entendidas como "menos pessoa", "menos gente". Elas não são inferiores por serem diferentes.

A conversa sobre ideologia de gênero vai chegar um momento em que será entendida não como uma ameaça, mas como uma discussão que visa a fraternidade. Pessoas que são cristãs precisam lembrar que uma das bases da fraternidade é a capacidade de acolhida da outra pessoa no modo como ela se coloca (no mundo).

A última edição do Exame Nacional do Ensino Médio incluiu uma questão de interpretação de texto que citava um dicionário gay. Como o senhor vê as críticas sobre isso?

Cortella - Há alguns anos, a Fuvest, que é absolutamente séria e não pode ser acusada de ideologia comunista, usou um texto meu e do Renato Janine Ribeiro, duas pessoas identificadas com a esquerda. Houve polêmica. Faz parte, todo conteúdo é escolha e toda escolha gera exclusão.

Se esse tipo de tema, o da linguagem da comunidade LGBT no Brasil, tivesse surgido no governo do PT, iria provocar um movimento fortíssimo, mas foi no governo Temer. Quem dirige o Inep, instituto que organiza o Enem, é professora Maria Inês Fini, cotada para ser ministra da educação do futuro governo. O tema que ali aparece não está discutindo LGBT, mas um modo de comunicação. Era adequado neste momento? Quando o exame foi montado, em julho, não havia a escolha de quem a sociedade iria escolher para dirigir o país.

Todas as vezes que esse tema vem à tona, ele é forte. Uma das coisas mais perigosas, quando se pretende construir uma base democrática, é moralizar as discussões. As questões mais sérias do Brasil hoje são: pobreza, ausência de emprego, uma saúde pública que precisa ser revigorada e uma educação pública que precisa avançar. O que não são as grandes questões nacionais, mas que são questões? Valores morais, a formação de crianças, o uso de drogas, a temática da exposição do sexo. São problemas secundários e têm de ser tratados como secundários.

O grande Hegel dizia: "quem exagera o argumento prejudica a causa". Nós temos isso dos dois lados, tanto quem defende a liberdade (sexual), como quem diz que isso não tem o menor valor. É preciso que Guimarães Rosa venha à tona: procurar a "Terceira Margem do Rio".

Qual sua opinião a respeito do ensino religioso obrigatório?

Cortella - É constitucional. O único governo que o tirou da Constituição foi o de Getúlio Vargas, durante a ditadura (do Estado Novo). A discussão não é se a gente faz ensino religioso, ou não. Na Alemanha, o ensino religioso é obrigatório. Há várias nações em que isso é colocado.

Para travarmos essa discussão, é preciso fazer uma distinção entre "conteúdo curricular" e "componente curricular". Conteúdo curricular é o assunto que se lida na escola, já componente é nome de matéria - português, matemática, história... No Brasil, o



Para Cortella, é preciso eliminar ressentimentos depois das eleições deste ano

ensino religioso é componente curricular. Há pessoas, como eu, que acham que o ensino religioso tem de ser um conteúdo curricular. Mas, até o momento, não posso opinar porque a Constituição não permite. Aliás, está escrito literalmente: "o ensino religioso constituirá parte obrigatória do currículo, no horário regular da escola, sendo obrigatório para escola e optativo para o aluno".

Eu sou contra o ensino ser confessional. É difícil porque às vezes o professor ou professora, ou a direção da escola pode chegar para o pai ou para a mãe e dizer assim: "teu filho pode ser um bandido, um marginal, ou pode assistir à aula de religião". Não precisa de discussão sobre Escola Sem Partido para alguém dizer uma coisa como essa e não é cartaz que vai tirar essa possibilidade.

E a criança de uma família que decidiu que ela não vai participar da aula de ensino religioso vai fazer o quê? Ficar sentada no corredor? Ficar no pátio, sozinha, largada? "Não", você diz, "ela pode ir para a biblioteca". Onde tem, né? É um tema um pouco mais complexo do que apenas a presença ou não dentro da nossa Constituição. Mas religião é parte da vida humana e colocá-la fora do conteúdo da escola é privar a formação daquilo que dá completude.

O nome do ministro da educação no governo Bolsonaro ainda não foi decidido, mas algumas pessoas próximas ao presidente eleito defendem que o criacionismo tenha o mesmo peso na escola do que a teoria de evolução de Darwin. O senhor concorda?

Cortella - A diferença entre ciência e religião é a seguinte: religião é crer para ver. Ciência é ver para crer. Precisamos separá-las. Elas não são incompatíveis, são apenas diferentes. O criacionismo é uma crença de uma parte das pessoas e não tem nenhuma base científica.

Se a escola vai ensinar criacionismo, ela não pode deixar de dizer que há pessoas que são reencarnacionistas, ateias, ou que acreditam - como é o caso de indianos e hinduístas - em 350 milhões de deuses diferentes. O conjunto de exposição da humanidade tem que entrar junto com outras teorias que são parte das culturas humanas.

O evolucionismo darwinista, com todas as modificações que teve no mundo contemporâneo, é aceito dentro da comunidade científica porque foi provado e experimentado. Desse ponto de vista, eu não posso colocar as duas coisas no mesmo patamar.

Ao longo da campanha, o presidente eleito afirmou que queria implantar, nas escolas regulares, o mesmo modelo das escolas militares. Como o senhor vê essa possibilidade?

Cortella - Acho ótimo. A Escola Naval, em Angra dos Reis, os colégios militares de Brasília, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), a Escola de Enge-

nharia do Exército são absolutamente admiráveis. Quem, em sã consciência, não gostaria que a excelência fosse essa? Aliás, elas são excelentes porque têm orçamentos superiores a qualquer outra escola.

Se um dia, ministro da educação eu fosse, e tivesse recurso para colocar em todas as escolas públicas brasileiras o mesmo orçamento que tem a Escola Naval em Angra, não teria dúvida em fazê-lo. Esse é o nosso sonho.

O que não é necessário? Que se traga a militarização dentro da rede de escolas. Isto é: copiar a conduta, enquanto padrão científico, a capacidade de formação, a seriedade e até a disciplina, mas não a disciplina militarizada porque ela tem outro tipo de objetividade. Uma pessoa que sai de uma escola militar na educação básica, sai com uma formação científica sólida. Eu quero isso para todas as escolas não é só o presidente Bolsonaro que quer.

Como o senhor vê a possibilidade da volta de disciplinas como Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Educação Moral e Cívica (EMC)?

Cortella - A disciplina de Educação Moral e Cívica foi criada durante o governo Vargas, em 1940, durante a ditadura. Já OSPB foi criada no governo João Goulart pelo grande educador Anísio Teixeira. Elas existem em vários países com nomes diferentes. Onde não existiram? Na Alemanha nazista, na União Soviética. E sabe por que elas não existiram? Porque onde o nazismo, o fascismo e o totalitarismo comunista existiram, não precisava uma matéria com esse nome. O tipo de ideologia era ensinado por intermédio da língua nacional, biologia, história, geografia, entre outras.

Quando a gente tem o aparecimento dessas disciplinas no nosso país, a intenção é dar uma formação de cidadania. Será que depois, por exemplo, no período de 1964 a 1984, houve um desvirtuamento do conteúdo original? Pode haver em qualquer outra disciplina.

Eu não sou avesso que se discuta o que é o Congresso, como funciona a política. Mas isso é uma tarefa do conjunto da escola. Não acho a volta dessas disciplinas necessária. Mas, se ela existir, o conteúdo dela terá a mesma possibilidade de ser doutrinário como em Filosofia, biologia, física ou matemática.

“Schumacher é um lutador que não se renderá”

Uma carta da mulher do piloto alemão se torna pública e revela a esperança da família sobre sua recuperação



Michael Schumacher e sua mulher Corinna

Há quatro anos, o compositor alemão Sascha Herchenbach quis prestar uma homenagem a Michael Schumacher, seu ídolo para sempre, e escreveu uma canção dedicada ao grande campeão de Fórmula 1 intitulada *Nascido para Lutar*. O gesto do músico, que enviou a canção para a família do campeão, nunca foi divulgado à opinião pública nem a reação de Corinna, a mulher de Schumacher, que sempre se recusou a comentar o estado de saúde do sete vezes campeão da Fórmula 1.

Apesar de seu juramento de silêncio, Corinna enviou uma carta de agradecimento ao músico, cujo conteúdo foi revelado pela revista alemã *Bunte*. Ela revela que a família do campeão ainda acredita em uma recuperação completa do piloto.

Gostaria de agradecer-lhe sinceramente por sua

mensagem e este belo presente, que nos ajudará a superar este momento difícil. É bom receber tantos votos amáveis e outras palavras bem-intencionadas, que representam um grande apoio para nossa família. Todos nós sabemos que Michael é um lutador e não vai desistir", escreveu a mulher de Michael Schumacher.

Ainda não está claro quando foi escrita a carta de agradecimento e não se sabe se o gesto de Corinna—de falar sobre as esperanças da família—também se repetiu com outras pessoas. O músico agora falou de seu conteúdo à *Bunte*.

"Eu não esperava resposta, fiquei muito abalado. A carta foi escrita à mão e assinada por Corinna com um papel timbrado. Ela escreveu que estava muito agradecida pelo presente que havia ajudado a ela e sua

família neste momento difícil", disse o músico à revista.

A homenagem do músico e a resposta de Corinna foram divulgadas a poucas semanas do quinto aniversário do trágico acidente sofrido por Schumacher nos Alpes franceses, que quase lhe custou a vida. Desde então, o estado de saúde do campeão se tornou um hermético segredo e a única coisa que se sabe é que ele está sendo atendido em sua mansão no Lago de Genebra por uma equipe de 15 pessoas.

Em dezembro de 2015, a *Bunte* postou em sua capa que Schumacher já podia andar e estava se recuperando lentamente do grave acidente. A informação foi desmentida pela família e a revista foi forçada, dois anos depois, a pagar uma multa de 50.000 euros (220.000 reais). Depois disso nunca mais se ouviu falar sobre o estado de saúde de Schumacher. Mistério e silêncio absoluto cercam a figura do grande campeão, graças a uma rígida política de comunicação que Sabine Khem dirige com mão de ferro.

"O estado de saúde de Michael Schumacher é e continuará sendo um assunto estritamente privado", disse Kehm dois anos atrás. "Não haverá nenhum tipo de informação sobre esta situação privada no futuro. Estamos conscientes de que, para alguns, é difícil de entender, mas agimos em total concordância com a opinião de Michael e agradecemos sua compreensão", acrescentou a responsável pela comunicação.

Schumacher sofreu um grave acidente de esqui em 29 de dezembro de 2013 nos Alpes franceses e passou vários meses em coma induzido em um hospital em Grenoble. O ex-piloto acordou do coma em junho de 2014 e foi transferido para uma clínica de reabilitação em Lausanne (Suíça) e, mais tarde, para a residência da família em Gland, no cantão de Vaud, onde continua sob tratamento por uma equipe de especialistas e terapeutas, algo que custa em torno de 135.000 euros (580.000 reais) por semana.

VÍDEO

Nasceu sem braços e superou abandono: 'Vizinhos sugeriram que meus pais me matassem'

Banu Akter, de Bangladesh, tem uma precisão incrível usando apenas os dedos dos pés.

Ela nasceu sem os braços e superou grandes obstáculos para se tornar uma hábil artesã.

"Minha mãe me disse que ficou assustada ao me ver pela primeira vez e que não me amamentou", conta ela.

"Vizinhos disseram para meus pais me matarem, porque seria um peso ter uma criança com deficiência. Mas minha mãe não me matou."

Os pais de Banu não a ensinaram a andar ou a mandaram para a escola.

Ela aprendeu sozinha a andar e dependia da ajuda de um funcionário da Prefeitura de seu vilarejo para ir à escola.

Sentindo-se negligenciada, Banu se mudou para a capital, Dhaka.

"Bati de porta em porta, mas não conseguia trabalhar, porque não tenho mãos. Sentia muita vergonha para implorar. Todo mundo conseguia se sustentar, por que eu não?"

Banu aprendeu a fazer vestidos por conta própria. Ela também faz acessórios com miçangas.

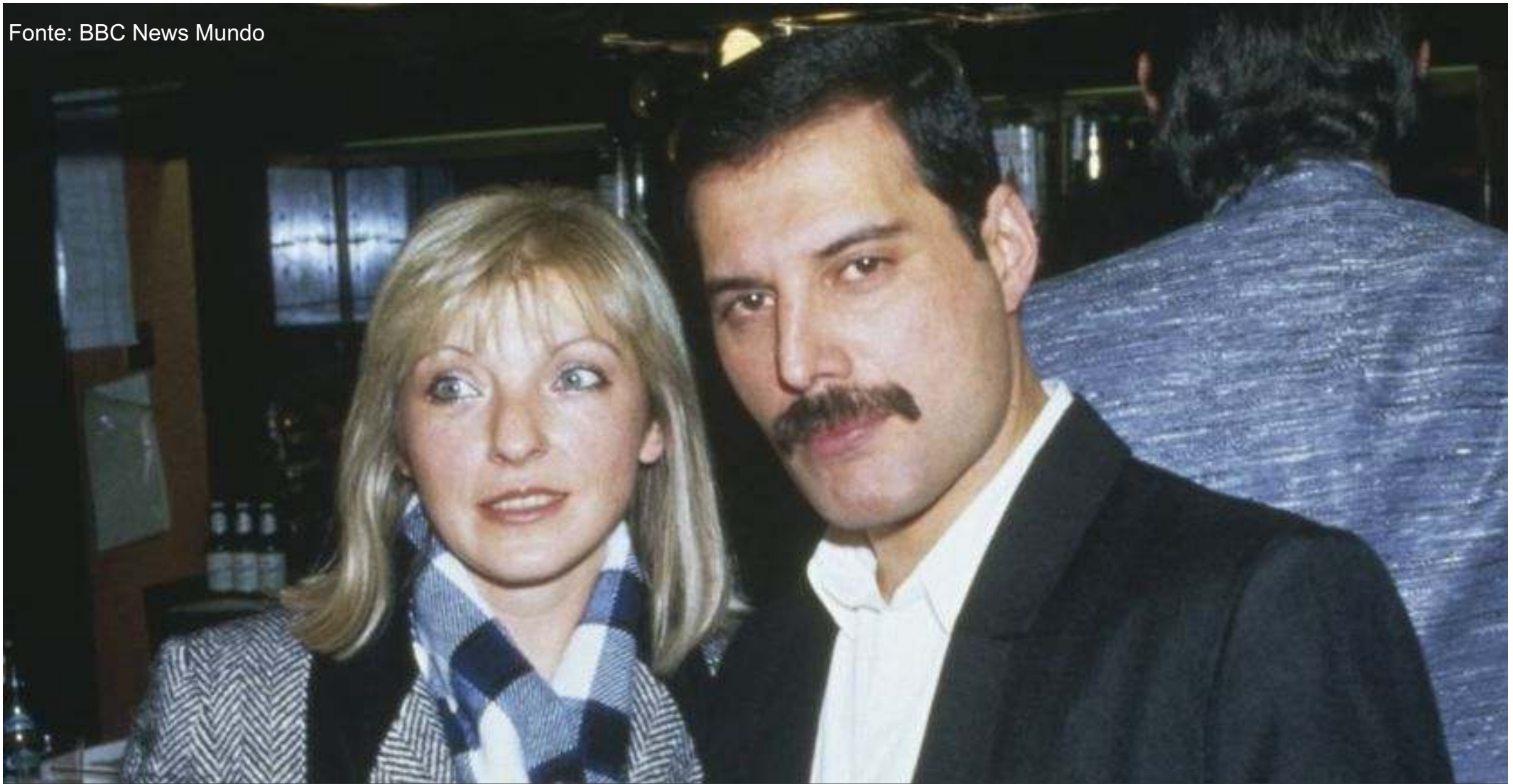
Ela consegue assim dinheiro suficiente para ser independente.



clique na imagem para assistir o vídeo

QUEM É MARY AUSTIN, O GRANDE AMOR DE FREDDIE MERCURY

Fonte: BBC News Mundo



A relação esfriou quando a carreira de Mercury começou a crescer.

GETTY IMAGES

Seu talento inesgotável, sua voz extraordinária, suas roupas, seu bigode, seu estilo exuberante e seus relacionamentos homossexuais são algumas das coisas mais lembradas quando falamos de Freddie Mercury.

Mas poucos recordam ou sabem que o grande amor do artista que os críticos consideram um dos maiores da história do **rock** foi uma mulher.

Seu nome é Mary Austin, e ela conheceu Mercury antes que ele alcançasse a fama como líder do Queen, a banda cujas histórias e canções voltaram à discussão pública graças à estreia do filme *Bohemian Rhapsody*.

Austin também estava ao lado de Mercury (nascido Farrokh Bulsara) até seus últimos dias, quando ele morreu, aos 45 anos de idade, como consequência direta de uma pneumonia bronquial provocada pela aids.

E é a única pessoa que sabe onde estão suas cinzas, escondidas a pedido do artista para evitar a intromissão de fãs.

Compromisso

Filha de pais pobres do sul de Londres - seu pai trabalhava em uma loja de papéis de parede e sua mãe era empregada doméstica -, Austin trabalhava em uma loja de roupas em na cidade quando conheceu Mercury.

Ele tinha 24 anos e ela, 19.

Mercury acabara de se formar em Arte e Desenho Gráfico e estava dando seus primeiros passos para formar a banda que se tornaria o Queen.

Poucos meses depois desse encontro, Austin e Mercury começaram a viver juntos num apartamento no luxuoso bairro de Kensington e, em

1973, Mercury a pediu em casamento.

Emocionada e surpresa, Austin disse "sim".

Revelação

O casamento, no entanto, não chegou a acontecer.

À medida que crescia sua carreira, Mercury passava cada vez mais tempo fora de casa, e o casal começou a se distanciar.

Austin suspeitava que ele a estivesse traindo com outras mulheres.

Mas, durante uma de suas discussões, o cantor confessou que era bissexual.

Se a relação física acabou ali, a amizade e o amor continuaram.

Mercury fez de tudo para ter Austin sempre perto: comprou um apartamento para ela perto de sua casa para que pudessem se ver pela janela e deu a ela um cargo administrativo na banda.

Austin, mais tarde, se casou com outro homem e teve dois filhos (depois, se separou e casou novamente), mas nunca deixou de estar muito envolvida na vida de Mercury.

Ela foi a primeira a quem o cantor disse ter aids.

Herança

O testamento do líder do Queen revela a gratidão e a devoção que ele ainda tinha por seu primeiro amor.

Ele deixou para ela metade de sua fortuna, sua luxuosa mansão de 28 quartos em Kensington e ganhos de direitos autorais futuros (muito mais do que para seu último marido, Jim Hutton, com quem ficou até sua morte, em 24 de novembro de 1991).

Hoje com 67 anos, Austin continua morando na mansão onde viveu e morreu o cantor.

Sua casa se tornou um lugar de peregrinação de admiradores.

Segundo disse um vizinho ao tabloide britânico *The Sun*, Austin sai pouco de casa.

"Nos últimos anos, eu a vi duas vezes. Ela sai em seu Mercedes velho e não fala com ninguém."

COM A
SUA AJUDA
PODEMOS
SALVAR
VIDAS



SEJA UM DOADOR

A CHINA JÁ PODE IDENTIFICAR SEUS CIDADÃOS SÓ PELA FORMA DE ANDAR

Depois de instalar o sistema de 'rating' para avaliar se os habitantes são bons cidadãos, o gigante asiático volta a explorar novas tecnologias para detectar as caminhadas



Demonstração do funcionamento da tecnologia de reconhecimento corporal. AP

O Big Brother chinês continua avançando rumo ao controle dos cidadãos. O país asiático foi pioneiro no teste do sistema de *rating* entre seus habitantes. É o chamado Sistema de Crédito Social, que utiliza *big data* para pontuar os mais de 1,3 bilhão de habitantes, julgando se são confiáveis ou não. Meses após essa iniciativa aparecer em todos os meios de comunicação, agora conhecemos o passo seguinte: o Governo chinês já pode identificar seus cidadãos pela forma de andar. É uma nova maneira de explorar a inteligência artificial para a vigilância.

As autoridades chinesas já começaram a desenvolver e testar a ferramenta: trata-se de um *software* que leva em conta as formas do corpo das pessoas e sua maneira de caminhar para identificá-las, inclusive quando suas caras não estão visíveis às câmeras (a China abriga a maior rede de câmeras CCTV do mundo, com mais de 170 milhões de unidades). O sistema já é utilizado pela polícia nas ruas de Beijing e Shanghai, juntamente com o reconhecimento facial, para identificar as pessoas nas multidões e prender criminosos. O país também desenvolve um sistema nacional integrado de todos os dados das câmeras de vigilância, segundo a agência de notícias AP.

Foi a *startup* Watrix que desenvolveu o mecanismo. Seu CEO, Huang Yongzhen, explica que a tecnologia pode identificar as formas de andar das pessoas numa distância de até 50 metros, inclusive de costas e com o rosto coberto. “Isso pode preencher o vácuo do

reconhecimento facial, que exige imagens de primeiro plano e alta resolução da cara de uma pessoa para funcionar”, afirma. O próprio Yongzhen reconhece que “não é necessária a cooperação das pessoas para que se possa reconhecer sua identidade”. Exatamente. Além disso, você não pode tentar confundir o sistema mancando, andando com as pernas esticadas ou encurvado, pois a máquina analisa todas as características do corpo. Não podemos enganar o Big Brother.

Embora o lado positivo do sistema seja a possibilidade de prender os criminosos, o Governo chinês foi muito criticado por implementar as tecnologias de vigilância com propósitos mais sinistros, que incluem o controle dos cidadãos (que também tem defensores). Em particular, é suspeita a forma como se utilizam suas bases de dados e sua tecnologia de reconhecimento facial para vigiar as minorias étnicas. “Um sistema instalado em Xinjiang, uma província ocidental onde vivem cerca de 10 milhões de muçulmanos, foi projetado para notificar as autoridades quando os indivíduos em questão vão além de sua casa ou lugar de trabalho”, informou a *Bloomberg*.

Agora isso é mais real do que nunca, mas as aplicações dessa tecnologia não são novas. Cientistas do Japão, do Reino Unido e da Agência de Sistemas de Informação de Defesa dos Estados Unidos têm pesquisado o reconhecimento do andar há mais de uma década, tentando superar o ceticismo de que as pessoas possam ser reconhecidas pela forma como caminham.

No Brasil, em 2015, cientistas da Universidade Federal de Goiás também elaboraram um software para reconhecer as pessoas pela forma de andar. O estudo também estava voltado para a identificação de criminosos, nos quais as suas imagens são registradas por câmeras de segurança, mas não era possível visualizar e identificar os rostos.



A cada 7 segundos morre uma criança no mundo vítima de desnutrição. Faça sua parte. Faça sua doação. Nos apoiamos!

www.msf.org.br

Encontra aqui o celular que satisfaz suas necessidades



Xiaomi Mi8 Mi 8 Lite Global
Version 6,26 polegadas 6 GB 128
GB Snapdragon 660 Octa core 4G
Smartphone

R\$1.192,71 - 1.232,61



Xiaomi Pocophone F1 Global
Version 6,18 polegadas 6 GB
RAM 128 GB ROM Snapdragon
845 Octa core 4G Smartphone

R\$1.527,80



Xiaomi Mi8 Mi 8 Versão Global
6,21 polegadas 6 GB RAM 128 GB
ROM Snapdragon 845 Octa core
4G Smartphone

R\$1.826,31



ASUS ZenFone 3 Zoom
ZE553KL 5,5 polegadas
5000mAh 4GB RAM 64GB

R\$638,22



NOKIA X6 Dual Câmera Traseira
Rosto Desbloqueio 5,8 polegadas
4GB 64GB Snapdragon 636 Octa
Core 4G Smartphone

R\$793,80



Xiaomi Mi8 Mi 8 Pro Global
Version 6,21 polegada 8 GB 128
GB Snapdragon 845 Octa core
4G Smartphone

R\$2.592,90



ASUS ZenFone 4 Max X00KD 5,0
Polegadas 4100mAh 3GB RAM
32GB ROM MT6737 1,25 GHz
Quatro Core 4G Smartphone

R\$438,77



Lenovo Moto Z 5,5 Polegadas 4GB
RAM 64GB ROM Qualcomm
Snapdragon 820 Quad core 4G
Smartphone

R\$678,11
R\$917,46



ASUS ZenFone 5 ZE620KL
Global Version 6,2 polegadas
FHD + 4GB RAM 64GB ROM
Snapdragon 636 4G Smartphone

R\$1.497,05



Ulefone Power 5 6,0 Polegadas
13000mAh Carregamento sem
Fio 6GB RAM 64GB ROM
MT6763 Octa core 4G
Smartphone

R\$1.037,14



Ulefone Alimentação 3S 6.0
Polegadas 6350mAh Face ID
4GB RAM 64GB ROM MT6763
Octa core 4G Smartphone

R\$678,11



Xiaomi Redmi 6A Global Version
5,45 polegadas 2GB RAM 16GB
ROM Helio A22 MTK6762M
Quad core Smartphone 4G

R\$ 422,81

O PERIGO QUE ESTÁ ESCONDIDO NO IOGURTE QUE VOCÊ CONSOME

Iogurtes são considerados por muita gente um alimento saudável, mas um estudo feito no Reino Unido mostrou que muitos destes produtos podem não ser tão bons assim para a saúde quanto se pensa



Uma equipe liderada por pesquisadores da Universidade de Leeds, no Reino Unido, analisou a tabela nutricional de mais de 900 produtos e concluiu que muitos são feitos com uma grande quantidade de açúcar. Isso inclui até mesmo aqueles classificados como orgânicos.

Em alguns casos, os iogurtes superam até mesmo refrigerantes na quantidade de açúcar usada na fabricação. Somente os iogurtes naturais e do estilo grego foram considerados produtos com baixo teor desse ingrediente.

A divulgação do estudo ocorre no mesmo momento em que o Ministério da Saúde brasileiro negocia um acordo com a indústria de alimentos para reduzir o açúcar em produtos industrializados, entre eles os iogurtes.

O consumo em excesso de açúcar é comum entre brasileiros e está associado um maior risco de doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes.

"O resultado desse estudo é muito preocupante, porque iogurtes são vendidos como produtos saudáveis e são muito consumidos por crianças", diz a nutricionista Ana Clara Duran, do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da Unicamp.

"Quando ele é natural, é de fato saudável, mas, depois que recebe corante, açúcar e outros aditivos, vira um produto ultraprocessado. O pai ou a mãe acha que está fazendo algo legal ao dar iogurte para o filho, mas não está. E isso é preocupante também para adultos, porque 54% da população está acima do peso e quase 20% está obesa."

No entanto, os consumidores brasileiros dificilmente têm como saber a quantidade de açúcar dos iogurtes vendidos no país.

Os fabricantes não são obrigados a informar seu teor nas tabelas nutricionais dos produtos disponíveis por aqui - e apenas uma pequena parcela deles o faz voluntariamente.

Mas há uma proposta para mudar isso em debate na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Tão açucarado quanto refrigerante

A pesquisa britânica analisou 921 produtos vendidos pela internet por cinco das maiores redes de supermercados do país, que respondem por 75% do mercado.

Eles foram divididos em oito categorias mais comumente usadas pelos supermercados: infantil, sobremesas, alternativas a produtos lácteos, saborizados, de frutas (*in natura* ou na forma de purê), natural/grego e orgânicos.

O estudo mostrou que a categoria que mais contém açúcar é a de sobremesas, com 16,4g a cada 100g do produto em média. No entanto, foram incluídos produtos que não contêm iogurte ou queijo cremoso, como mousse de chocolate e cremes de caramelo, o que influenciou neste resultado.

A segunda categoria mais açucarada foi a de iogurtes orgânicos, com 13,1g a cada 100g. Os infantis contêm 10,8g a cada 100g.

O refrigerante à base de cola mais popular do mercado contém 10,6g a cada 100ml.

Quanto açúcar há nos iogurtes?

Sobremesas - 16,4g a cada 100g

Orgânicos - 13,1g a cada 100g

Saborizados - 12g a cada 100g

Com fruta - 11,9g a cada 100g

Infantis - 10,8g a cada 100g

Alternativas a produtos lácteos - 9,2g a cada 100g

Bebidas lácteas - 9,1g a cada 100g

Natural e grego - 5g a cada 100g

Para serem classificados como produtos com baixo teor de açúcar, os iogurtes devem ter no máximo 5g a cada 100g. Só 9% dos produtos pesquisados pelos pesquisadores da Universidade de Leeds se encaixam nisso.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que açúcares livres, o que inclui aqueles adicionados a alimentos industrializados, não ultrapassem 10% da ingestão calórica diária, o equivalente a 50g. Maiores benefícios à saúde podem ser obtidos se este índice for de 5%, ou 25g.

O limite de 5% é o recomendado pela Associação Americana do Coração, organização sem fins lucrativos dedicada ao combate de doenças cardíacas e vasculares, para crianças entre 2 e 12 anos. Aquelas com menos de 2 anos não devem consumir nenhum açúcar livre.

Maioria dos produtos brasileiros não informa quantidade de açúcar

No Brasil, os consumidores não têm como saber a quantidade de açúcar presente na grande maioria dos produtos industrializados.

As regras para os rótulos de alimento são estabelecidas pela Anvisa, e a norma atual para tabelas nutricionais, vigente desde 2003, não obriga fabricantes a informar o teor de açúcar do alimento.



Para serem classificados como produtos com baixo teor de açúcar, iogurtes deveriam ter no máximo 5g a cada 100g

"Não havia na época em que foram estabelecidas essas regras tantas evidências associando o consumo de açúcar de alimentos ultraprocessados e seu impacto como causa de doenças crônicas, como diabetes, o excesso de peso e cárie dental", explica a nutricionista Ana Paula Bortoletto, líder do programa de Alimentação Saudável do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec).

"As empresas dizem que não informam isso por ser um segredo de fabricação e porque não são obrigadas a fazer. Acreditam que é uma estratégia de mercado ou querem ocultar esse dado."

Duran, da Unicamp, diz que, diante da falta da obrigatoriedade, a maior parte dos produtos vendidos em supermercados brasileiros não traz essa informação.

"Quando isso ocorre, a empresa tem algum interesse em informar isso, porque quer ressaltar que se trata de um produto com baixo teor de açúcar, ou porque internacionalmente já se preocupa em informar isso e faz o mesmo no Brasil", diz Duran.

O único indício que o brasileiro tem hoje de que um produto contém muito açúcar é a lista de ingredientes presente no rótulo. Aparecem primeiro aqueles que foram usados em maior quantidade na fabricação. Mas um obstáculo é que os fabricantes muitas vezes usam vários tipos de açúcar, explica Bortoletto.

"Ele pode ser empregado como xarope, maltose, frutose. Então, em vez de estar agrupado, o açúcar surge nesta lista de forma diluída, e, mesmo querendo saber quanto foi usado no produto, o consumidor não tem como descobrir se tem bastante açúcar ou não."

Ao mesmo tempo, a maioria dos brasileiros costuma consumir açúcar demais. A Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2008/2009, a mais recente a tratar do tema, identificou esse hábito em 61,3% da população.

Na média, a ingestão de açúcar livre foi de 14% do total calórico diário, acima dos 10% recomendados pela OMS - quando supera esse limite, o consumo é considerado excessivo.

"O consumo de açúcar vem aumentando no Brasil, mas não o de mesa e sim aquele adicionado a alimentos ultraprocessados, porque é um ingrediente barato, e a indústria se aproveita disso e coloca uma quantidade elevada, o que adapta o paladar do consumidor a consumir coisas cada vez mais doces", diz Bortoletto.

Duran destaca que esse hábito pode ser especialmente nocivo na infância. "Isso pode acostumar o paladar da criança pela vida inteira, fazendo com que prefi-

ra alimentos mais doces."

As nutricionistas ouvidas pela BBC News Brasil concordam que a ausência do teor de açúcar na tabela nutricional é prejudicial ao consumidor.

"É grave, porque o consumo deste ingrediente passa despercebido e ocorre sem controle. Não é fácil saber quanto açúcar tem em uma bolacha recheada, por exemplo. É ruim não ter acesso a esse dado, considerando que o consumo de produtos ultraprocessados está aumentando", diz Bortoletto.

"As pessoas não têm como fazer uma escolha consciente do que vão comer. Ficam dependentes das informações destacadas no rótulo, que são sempre positivas, como dizer que um produto é rico em fibras ou integral."

Duran defende ser urgente informar melhor o consumidor para tentar reduzir a incidência de doenças relacionadas ao consumo excessivo desta substância.

"O açúcar é um dos nutrientes que tem uma relação mais forte com males crônicos não transmissíveis, como obesidade, diabetes, hipertensão e doenças cardiovasculares. Não informar seu teor contribui para que as pessoas tenham uma dieta inadequada e para uma maior prevalência destes problemas."

Mudança está sendo debatida pela Anvisa

Uma mudança neste sentido está sendo debatida pela Anvisa para obrigar os fabricantes a informar nas tabelas os açúcares totais e adicionais de alimentos.

Um relatório preliminar foi aprovado em maio deste ano e, agora, está em fase de consulta pública para a elaboração da nova norma, segundo informou a agência à BBC News Brasil.

As alterações incluiriam padronizar as informações nutricionais contidas na tabela nutricional em porções de 100g ou 100ml - hoje, a quantidade da porção informada varia.

Os produtos trariam ainda na parte da frente do rótulo um indicativo do alto teor de ingredientes que, se consumidos em excesso, podem fazer mal à saúde, como açúcar, sódio e gordura.

Uma das propostas, apresentada pelo Idec, é que haja um sinal de alerta na parte da frente do produto. No entanto, a indústria defende a adoção de outro modelo, inspirado em um semáforo, em que as cores verde, amarela e vermelha indicariam se as quantidades estão dentro das recomendadas.

Em defesa deste modelo, a Associação Brasileira

das Indústrias de Refrigerantes e Bebidas não Alcolícas (Abir) divulgou no ano passado uma pesquisa feita pelo Ibope que apontava que 67% dos participantes preferiam o semáforo nutricional ao alerta.

Bortoletto, do Idec, diz que o sistema de cores pode estimular o consumo de produtos não saudáveis. "Um refrigerante pode ter, por exemplo, um sinal verde para sódio e gordura."

Por sua vez, Duran, da Unicamp, diz que a literatura científica disponível aponta que a proposta da indústria de alimentos não é a mais eficaz. "A proposta do Idec é mais clara e objetiva e facilita que o consumidor tome uma decisão na hora da compra."

Bortoletto explica que, após a fase de consulta pública ser concluída, a expectativa é que uma nova norma seja aprovada no início do próximo ano. "Os fabricantes terão então um prazo de um ano para se adequar a ela. Se tudo der certo, em 2020, a gente vai ter rótulos melhores."

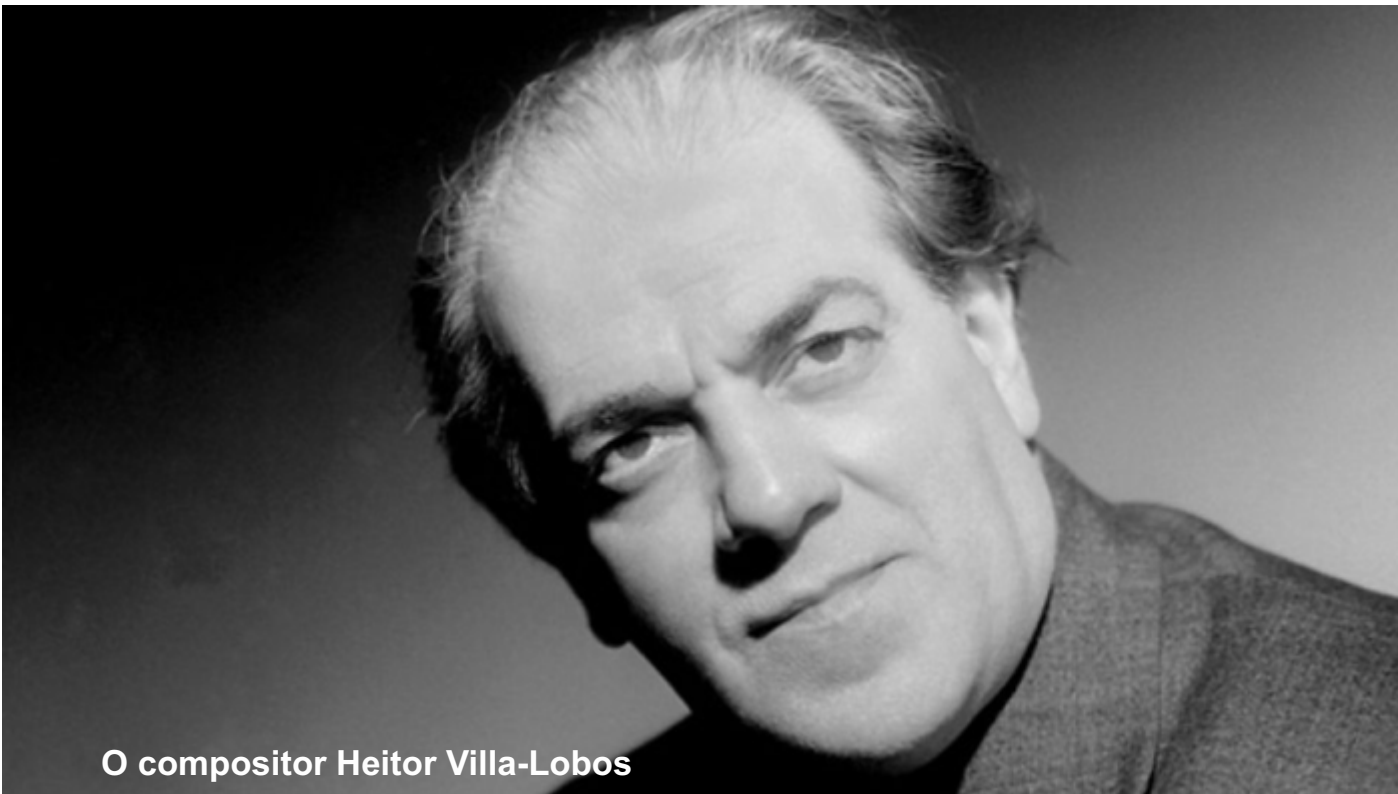
13



Anvisa debate qual das propostas de mudança no rótulo é melhor

A VIDA CHEIA DE MISTÉRIOS DE HEITOR VILLA-LOBOS

Até hoje, estudiosos não chegaram a um acordo sobre o que é verdade e o que é mito sobre a vida de Villa-Lobos, o maior compositor brasileiro



O compositor Heitor Villa-Lobos

Heitor Villa-Lobos, o maior compositor brasileiro da história, morreu há exatos 59 anos. Muito já foi escrito, ouvido e comentado a seu respeito. O que intriga, porém, é o que não foi dito: mais de um século após seu nascimento, a vida do gênio continua cercada de um tanto de mistério.

A começar pelas famosas viagens que o maestro fez pelo interior do Brasil – de onde tirou inspiração para desenvolver o nacionalismo presente em sua música, traço pelo qual ficou tão conhecido. Parece ter havido certo exagero dele ao relatar suas expedições pelos rincões do país. “Só a primeira viagem à Amazônia, de 1911, está confirmada. Villa estava com uma companhia de operetas como violoncelista. As demais são duvidosas e tudo indica que ele personalizou aventuras contadas por seu cunhado, que trabalhou no projeto Rondon”, diz Vasco Mariz, musicólogo e diplomata, autor do

livro Villa-Lobos – O Homem e a Obra.

Aliás, as pesquisas de Vasco Mariz solucionaram um dos episódios mais míticos da vida do maestro. Corria que ele havia inventado para a imprensa francesa, em 1929, uma história de que teria sido seqüestrado por índios canibais brasileiros e só escapara da panela por causa de sua música. Na verdade, diz Mariz, quem inventou a história foi uma amiga dele, a poetisa francesa Lucie Delarue Mardus, que a publicou na revista *Instrangeant*. E conseguiu o que queria: fazer lotar o concerto do músico.

Se, porém, algumas de suas viagens e histórias foram romanceadas, as pesquisas que fez dos sons da natureza, do folclore e da música popular foram, de fato, fundamentais para sua obra. “Villa-Lobos introduziu os sons do Brasil na música, assim como Guimarães Rosa introduziu em sua escrita o falar das Gerais”, diz Maria Maia, autora de Villa-

Lobos – Alma Brasileira. Para o maestro, as ousadias formais e as inovações técnicas que introduziu eram não resultado de um modismo, mas a melhor maneira de retratar a exuberância da natureza e do povo brasileiro. Antes dele, era considerado desprezível aproveitar o folclore na música erudita brasileira, segundo Vasco Mariz.

Nascido no Rio de Janeiro, Villa-Lobos aprendeu violoncelo e clarinete com o pai, que tocava em grupos amadores de música clássica. Em viagem pelo interior de Minas, onde a família morou quando tinha 6 anos, o menino aprendeu a gostar da música rural, sertaneja, e seu interesse aumentou ao observar o choro dos bares cariocas. Para tocar aquelas canções, Villa-Lobos resolveu aprender violão, mas teve que estudar escondido: os pais não aprovavam seu envolvimento com a música popular da boemia carioca. Era dotado de um ouvido musical privilegiado. Conseguia, por exemplo, compor, ouvir rádio e conversar, tudo ao mesmo tempo. E chamava esse dom de “ouvido profundo”.

Depois das viagens que fez ao interior, Villa-Lobos começou a incorporar os elementos nacionais às suas composições. O sentimento nacionalista se fortaleceu ainda mais durante a Semana de Arte Moderna de 1922, de que participou ativamente – detalhe: de terno e chinelo de dedo, por causa de uma crise de ácido úrico nos dedos do pé.

A partir daí, o sotaque brasileiro de sua obra ficou cada vez mais nítido. Comparado aos maiores nomes da história, como Wagner, Bach e Chopin, o brasileiro foi, e continua sendo, um dos compositores contemporâneos mais gravados lá fora. Ironicamente, quanto mais nacional sua arte ficava, mais se universalizava e conquistava o mundo. Como é típico dos gênios.

Por Jeanne Callegari

Fonte: *Aventura na História*

CARTAS DE OLGA BENÁRIO E LUÍS CARLOS PRESTES SÃO ENCONTRADAS NO LIXO

Encontradas no lixo de Copacabana, cartas trocadas entre Olga Benário e Luís Carlos Prestes mostram o amor e o drama do casal após a derrota na rebelião de 1935, promovida pelo Partido Comunista com o objetivo de instaurar no Brasil uma ditadura do proletariado.

A correspondência entre Olga e Prestes está entre as 330 cartas do líder do PCB achadas no Rio de Janeiro.

As cartas mostram o drama vivido pelo casal quando, derrotados, foram presos e separados. Em um sábado, 4 de abril de 1936, Olga escreveu:

“Meu querido, espero que essas linhas cheguem nas suas mãos. Eu queria muito te dizer uma coisa que diz respeito somente a nós dois. Mas diante das circunstâncias, não me resta [nada mais] que essa possibilidade. Querido, nós temos um filho. Esse acontecimento me faz muito feliz, ainda que eu me dê conta das dificuldades que terei de atravessar.”

Separada de Prestes havia um mês, Olga demonstra aflição por não saber como o marido está, mas garante que terá forças para resistir:

“Querido, como eu queria saber de você, se você está vivo, com saúde, eu não sei de nada. Estou muito, muito inquieta e te peço para me dar uma resposta a esta carta. Você sabe que todo o meu coração e meus pensamentos estão sempre perto de você.”



QUANDO JOSEF STALIN TENTOU MATAR JOHN WAYNE

O ditador acreditava que o símbolo máximo dos filmes de faroeste era uma ameaça à União Soviética



John Wayne

Carruagens fugindo de bandidos. A cavalaria combatendo índios, agricultores e suas famílias tirando o sustento de terras hostis com tenacidade. Tiros para todo lado em estradas de ferro. O cinema fixou na mente das pessoas histórias e tipos míticos como cowboys e xerifes em cidades poeirentas. Entre os atores que deram vida aos personagens e popularizaram o gênero se destaca John Wayne.

Vencedor de Oscar e Globo de Ouro, o artista se tornou símbolo máximo dos filmes sobre

faroeste. Entretanto, sua figura, tão relacionada à cultura americana, não agradou Joseph Stalin, líder da União Soviética por 30 anos. O cowboy de Hollywood esteve na mira do ditador por muito tempo.

De acordo com o livro *John Wayne: O Homem por Trás do Mito*, lançado em 2001 pelo biógrafo Michael Munn, o tirano russo ficava enfurecido com a postura anticomunista de Wayne, que era a favor do programa de “caça às bruxas” promovido pelo senador dos Estados Unidos Joseph McCarthy e que perseguiu pessoas ao menor sinal de ligação com o comunismo.

Anteriormente, o astro havia sido duramente criticado por não ter se juntado ao exército durante a Segunda Guerra Mundial. Ele até se alistou, mas o seu status em Hollywood dificultou a sua entrada nas forças armadas. Além disso, Wayne havia tentado ingressar na OSS, o serviço de inteligência dos EUA durante a guerra. Foi aprovado, mas não exerceu o cargo: seus agentes esconderam dele a carta de admissão.

Com McCarthy perseguindo também atores e produtores de cinema, Stalin sentiu que o seu programa clandestino de espalhar ideais comunistas pelo cinema e a rádio, por exem-

plo, estava ameaçado. Crente que a queda de John seria uma forma de lidar com o problema, o tirano o colocou em sua “lista negra” e ordenou que a KGB assassinasse o cowboy.

De acordo com Munn, na primeira tentativa, agentes disfarçados foram até o escritório de Wayne, localizado nos estúdios da Warner Bros, em Hollywood. No entanto, o plano de Stalin fracassou, e os assassinos foram capturados a tempo.

Após a morte de Stalin, Nikita Kruschev, que sucedeu o cargo, engavetou todas as conspirações planejadas pelo tirano. Fã assumido do ator, Kruschiov revelou toda a armação em um encontro. “Essa foi uma decisão de Stalin nos últimos cinco anos loucos de sua vida. Quando ele morreu, eu revoguei a ordem”, afirmou ele a John Wayne em 1958.

Mas não acabaria aí. O autor se tornou alvo de grupos comunistas norte-americanos que deram continuidade ao plano insano de Stalin. Em uma entrevista concedida em 1974, John relatou a Munn que, durante uma visita ao Vietnã, em 1966, foi alvo de um atirador. Wayne foi atingido, mas sobreviveu. Só viria a óbito em 1979, vítima de um câncer.

Por Thiago Lincolins

Fonte: Aventura na História



Josef Stalin

LAURENTINO GOMES: ESCRAVIDÃO É O ASSUNTO MAIS IMPORTANTE DA HISTÓRIA BRASILEIRA



O escritor Laurentino Gomes

Vinicius Mendes - Fonte: BBC News Brasil

Quando estava pesquisando sobre a chegada da família real portuguesa ao Brasil para escrever o best-seller *1808*, lançado em 2007, o escritor Laurentino Gomes acreditava que ali não estava contemplada a grande história brasileira. "A escravidão é que é o nosso principal assunto. Impossível compreender o país, tanto do passado quanto do futuro, sem voltarmos às raízes africanas", disse à BBC News Brasil.

Mais de uma década depois do lançamento do livro (o primeiro de uma trilogia sobre o império brasileiro, seguido por *1822 e 1889*), Laurentino Gomes passou a trabalhar no "assunto mais importante de toda a história brasileira" para uma nova trilogia histórica.

O primeiro livro, com lançamento previsto no segundo semestre do ano que vem, se passa entre o primeiro leilão de escravos africanos enviados às Américas, organizado em Portugal ainda no século 16, até a morte do escravo pernambucano Zumbi dos Palmares, decapitado em 20 de novembro de 1695 - em 2003, a data entrou para o calendário escolar e, em 2011, o governo federal a decretou como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, que é feriado apenas em cidades e Estados com leis específicas para isso. O texto já foi concluído e enviado para a editora.

O segundo, previsto para sair em 2020, vai cobrir todo o século 18, considerado o auge do tráfico negreiro da África para as Américas. Em 2021 deve sair a obra final, abordando a crise da estrutura escravista brasileira e a Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel em maio de 1888. Estima-se que 4,8 milhões de africanos escravizados chegaram ao Brasil entre os séculos 16 e 19.

Segundo o escritor, "a participação dos africanos no tráfico de escravos se tornou um tema politicamente explosivo no Brasil". Para ele, "o fato de chefes africanos terem participado do tráfico nada tem a ver com a enorme dívida social e real que o Brasil tem com os seus afrodescendentes". "Não se pode culpar os escravos pela sua própria escravidão", falou Gomes.

O tema foi motivo de polêmica durante a campanha presidencial de 2018, devido declaração do então candidato Jair Bolsonaro de que os **portugueses não entraram na África para capturar escravos**.

"Basta ver as estatísticas, onde a nossa população negra aparece como a parcela da sociedade com menos oportunidades e a que mais sofre com a desigualdade social crônica. Precisamos corrigir isso urgentemente, e não podemos nos esconder atrás de falsas e incorretas discussões a respeito de fatos históricos", afirmou o escritor.

Para escrever os novos livros, Laurentino Gomes passou seis meses em 2017 viajando por Angola, Cabo Verde, Moçambique, Senegal, Gana, Benim, Marrocos e África do Sul, além do período de pesquisas e entrevistas em Lisboa, capital portuguesa, onde vive há alguns anos.

Nos meses em que viajou pela África, Laurentino admite que descobriu realidades diferentes do que esperava. Para além do futebol e da música, por exemplo, que são idolatrados na maior parte do continente, ele percebeu que o Brasil é um "parente" distante do qual eles queriam estar mais perto.

"Não observei qualquer traço de ressentimento ou cobrança relacionados à história da escravidão. Ao contrário: se pudessem, os africanos estariam mais próximos dos brasileiros do que são hoje", conta. Mas também lamenta: "Há ainda muito preconceito no Brasil em relação à África, é uma pena".

A seguir, trechos da entrevista que Laurentino Gomes concedeu à BBC News Brasil sobre a nova trilogia e as viagens pela África:

BBC News Brasil - Como a história sobre a escravidão africana para as Américas é contada hoje nos países africanos que você visitou?

Laurentino Gomes - Existem algumas distorções parecidas com o estudo e o ensino oficial da escravidão fora da África. Lá estuda-se e discute-se pouco o papel dos próprios africanos no processo de escravização, com uma ênfase muito grande no papel dos europeus, dos traficantes e dos compradores de cativos que estavam na América.

Os africanos são apontados nos discursos hegemônicos como vítimas do regime escravista. De fato, pelo menos 12 milhões de prisioneiros africanos foram vítimas do tráfico, porque cruzaram o Oceano Atlântico como escravos a bordo dos navios negreiros.

Mas há ainda uma lacuna que precisa ser preenchida, e que diz respeito ao papel dos chefes africanos aliados aos traficantes europeus e brasileiros, que capturavam pessoas no interior do continente e os vendiam depois no litoral. Esses chefes se enriqueceram muito com isso, tanto é que grande parte da elite africana atual é herdeira desses comerciantes de escravos nativos.

BBC News Brasil - O presidente eleito, Jair Bolsonaro, disse durante a campanha que os portugueses não entraram na África para capturar escravos. Como o senhor vê essa afirmação?

Gomes - A participação dos africanos no tráfico de escravos se tornou um tema politicamente explosivo no Brasil. Obviamente, os portugueses entraram, sim, na África. Ocuparam e colonizaram Angola, por exemplo, um território enorme naquela época, para abastecer o tráfico negreiro para as Américas. Mas essa discussão pode ter consequências políticas muito ruins atualmente.

Muita gente afirma que, se os africanos participaram e lucraram com a escravidão, não haveria razão para manter no Brasil um sistema de cotas de inclusão dos afrodescendentes em escolas, universidades ou postos da administração pública. A chamada "dívida social" brasileira em relação aos descendentes de escravos estaria anulada pelo fato de os africanos serem co-responsáveis pelo regime escravista. Desse modo, não haveria porque indenizá-los ou

compensá-los pelos prejuízos sociais e históricos decorrentes disso.

Tudo isso é muito injusto porque, obviamente, não se pode culpar os escravos pela própria escravidão. O fato de chefes africanos terem participado do tráfico nada tem a ver com a enorme dívida social e real que o Brasil tem com os seus afrodescendentes.

Basta ver as estatísticas, onde a nossa população negra aparece como a parcela da sociedade com menos oportunidades e a que mais sofre com a desigualdade social crônica. Precisamos corrigir isso urgentemente e não podemos nos esconder atrás de falsas e incorretas discussões a respeito de fatos históricos.

Além de tudo isso, há um enorme equívoco conceitual nesse tipo de raciocínio, porque dizer hoje que africanos escravizavam africanos é o que os historiadores chamam de anacronismo, ou seja, o uso indevido de valores e referências de uma época para julgar ou avaliar personagens ou acontecimentos de outro período histórico.

A noção de uma identidade pan-africana, que unisse os habitantes de todo o continente, ainda não existia nos tempos do tráfico de escravos. Ninguém se reconhecia como africano, até porque a África sempre foi um território de grande diversidade e de riquezas culturais diversas, habitado por uma miríade de povos, etnias, nações, linhagens e reinos que frequentemente estavam envolvidos em guerras e disputas territoriais.

Aceitar, portanto, a ideia de uma identidade continental naquele tempo seria o equivalente a imaginar que, antes da chegada de Cabral à Bahia, um índio guarani do sul do Brasil identificasse como irmão pan-americano um índio navajo, dos Estados Unidos, ou um asteca, do México.

BBC News Brasil - Como Portugal lida hoje com seu papel central de articulação desse mercado de escravos do passado?

Gomes - Há uma discussão enorme e apaixonada entre os portugueses sobre o passado escravagista.

Tempos atrás, a inauguração de uma estátua em homenagem ao padre Antônio Vieira foi alvo de protestos em Lisboa. O motivo foi que Vieira é hoje considerado um defensor da escravidão africana.

Obviamente, a história é dinâmica e conceitos que valem hoje certamente não valiam no passado. Seria injusto julgar personagens e acontecimentos do passado com os olhos, os valores e as referências de hoje. Mas eu acho que há um lado saudável nisso: o de chamar a atenção para o problema do legado da escravidão entre nós.

BBC News Brasil - Como o Brasil é visto hoje nos países africanos de onde partiram escravos?

Gomes - Em todas as minhas cinco viagens por oito países africanos eu, como brasileiro, me senti sempre muito bem acolhido e bem tratado. Não observei qualquer traço de ressentimento ou cobrança relacionados à história da escravidão.

Coisa bem diferente ocorre, por exemplo, com os angolanos em relação aos portugueses, que hoje ainda são apontados como os principais culpados pelos grandes problemas do país.

Isso acontece porque o chamado processo de "descolonização" ainda é bem recente, já que a guerra contra Portugal pela independência acabou meio século atrás. O clima de má vontade de parte a parte é ainda muito grande, mas em relação ao Brasil isso não acontece.

Ao contrário: senti que, se dependesse dos africanos, a aproximação seria maior do que a que temos hoje.

BBC News Brasil - Muito se fala sobre os impactos da escravidão africana na sociedade brasileira, mas você conseguiu captar esses efeitos nas sociedades atuais da África?

Gomes - Existem estudos importantes feitos na África sobre o impacto da escravidão na demografia do continente e também no processo de desenvolvimento posterior desses países.

O tráfico de escravos drenou uma quantidade inacreditável de recursos humanos do continente africano e distorceu a economia e as relações de poder nas sociedades afetadas pelo comércio de cativos, sem contar o fato de que regiões inteiras do continente foram redesenhadas em razão do tráfico de escravos.

As marcas dessa história ainda todas lá, bem presentes.

Continua...

BBC News Brasil - Muitos locais que outrora foram pontos centrais da escravidão hoje são roteiros turísticos, como os portões de não retorno. Como você percebe esse tipo de turismo moderno?

Gomes - Existem dezenas desses portões nas cidades africanas, que simbolizam antigos portos de embarque dos escravos para a América. A mais famosa e fotografada fica na Ilha de Goreia, na Baía de Dacar, capital do Senegal. Eles se orgulham com o fato de que diversas celebridades internacionais, incluindo o papa João Paulo 2º, o presidente norte-americano Barack Obama, e o sul-africano Nelson Mandela foram visitá-lo.

Uma das bases dos livros sobre a escravidão é o banco de dados **Slave Voyages**, que cataloga mais de 37 mil viagens de navios negreiros ao longo de três séculos e meio e registra um total de 188 portos de partida de cativos no continente africano.

Diante desses números, acho importante a existência dos portões hoje como pontos turísticos, porque ajudam na reflexão sobre a história da escravidão. O ruim disso, para mim, é que eles são pouco visitados por brasileiros.

BBC News Brasil - Quais são as influências do Brasil nos países africanos que você visitou para escrever o novo livro?

Gomes - Brasil e África compartilham raízes mais profundas do que se imagina. Fomos a maior sociedade escravagista do hemisfério Ocidental por mais de 300 anos e, além disso, 40% de todos os 12 milhões de cativos africanos trazidos para as Américas tiveram como destino nosso país. Por conta desses números expressivos, as marcas brasileiras são bem visíveis hoje no continente africano.

Em Gana e no Benim, por exemplo, encontrei uma numerosa comunidade de descendentes de ex-escravos que voltaram durante o século 19 e que, nas sociedades atuais, ocupam posições importantes da hierarquia social.

Alguns deles foram ministros, governadores e chegaram até a ser presidentes. Esses ex-escravos retornados deixaram contribuições importantes na arquitetura, nas artes e nos costumes em diversos países africanos. Na cidade de Porto Novo, no Benim, há uma mesquita muçulmana com traços arquitetônicos semelhantes às igrejas católicas brasileiras, que foi construída por escravos libertos da Bahia. O ofício deles no Brasil era justamente erguer templos católicos, e eles levaram a técnica de construção para a África.

Mas eu vi influência também na enorme audiência que as novelas da Rede Globo têm nos países de línguas portuguesas. É tão grande que elas chegam a mudar o sotaque e o modo de falar desses locais.

BBC News Brasil - Qual capital da África se parece mais com uma cidade brasileira de hoje?

Gomes - Praia, capital de Cabo Verde, é uma mistura de Salvador e Rio de Janeiro, com a presença constante da música da brasileira, especialmente a Bossa Nova, que é muito forte entre os compositores e intérpretes caboverdianos.

Luanda, capital de Angola, lembra muito o Rio, incluindo as muitas favelas que compõem a periferia pobre da cidade. O biotipo das pessoas, o jeito de falar e de se comportar também lembram muito o carioca.

Tive a mesma sensação em relação à Bahia quando fui para Gana, Senegal e Benim, de onde, por sinal, vieram muitos cativos africanos para trabalhar nos engenhos de açúcar do Recôncavo Baiano.

No Benim, especialmente, me impressionou a quantidade de templos e símbolos ligados à prática do candomblé. A culinária desses países também é muito parecida com a nossa: marcada pelo uso de ingredientes como a pimenta-malagueta, a mandioca, o feijão, o quiabo, o inhame e o milho. Qualquer brasileiro que visitar a África, pelo menos nessas regiões, vai se sentir imediatamente em casa.

BBC News Brasil - Nesses países que visitou, você notou que o Brasil é um destino de migrantes africanos?

Gomes - O Brasil ocupa esse lugar sim. A migração para o Brasil ainda é muito forte entre os angolanos, os nigerianos e os cabo verdianos.

Encontrei muitas pessoas que já tinham morado e estudado no Brasil e conheci outras muitas com desejo de viver pelo menos algum tempo neste outro lado do



Rua Brasil, em Acra, capital de Gana. A Rua fica no bairro do Tabons, comunidade de descendentes de escravos do Brasil que retornaram para a África

Atlântico.

Fiquei bastante surpreso ao ver que os africanos têm muita informação sobre o Brasil, acompanham de perto das notícias a nosso respeito e até se ressentem pelo fato de a recíproca não ser a mesma.

Nós, aqui no Brasil, acompanhamos pouco o que acontece na África. O turismo daqui para lá também é muito reduzido. Muitos brasileiros preferem passar férias na Flórida, em Los Angeles e Las Vegas, nos Estados Unidos - que não têm nada a ver com a nossa cultura -, do que fazer uma visita, mesmo que rápida e uma só vez na vida, aos países africanos em que estão plantadas as nossas raízes mais profundas. Há ainda muito preconceito no Brasil em relação a África, o que é uma pena.

BBC News Brasil - Você chegou a presenciar a reação dos africanos às eleições no Brasil?

Gomes - Não, mas observei um grande desconforto em relação ao que estava acontecendo ainda durante o governo Michel Temer.

O Brasil mantém uma política meio esquizofrênica em relação à África, com surtos de aproximação que se alternam com distanciamentos abruptos.

O último desses surtos ocorreu durante os 14 anos de administração petista, em que o governo brasileiro deram muito dinheiro nos países africanos para obras de infraestrutura, usando como duto as empreiteiras que, mais tarde, estariam envolvidas na Operação Lava Jato.

Hoje é só um distanciamento e até uma má vontade dos dois lados: encontrei obras paradas, projetos interrompidos e embaixadas e consulados com dificuldades até para pagar as contas, incluindo o aluguel, como resultado dos cortes do orçamento no Itamaraty. Entre os governos locais, até pouco tempo atrás habituados a conviver com a generosidade do dinheiro do BNDES e de outras linhas de financiamentos brasileiras, impera agora uma franca revolta contra o governo do presiden-

te Michel Temer, que fechou a torneira quando chegou.

BBC News Brasil - O que mais o impressionou nessas viagens à África?

Gomes - A presença chinesa que substituiu o vácuo deixado pelo Brasil.

Encontrei projetos chineses espalhados por todos os lugares: em Cabo Verde, Angola e Moçambique - para citar apenas três dos países africanos de língua portuguesa que visitei no meu trabalho de reportagens.

São obras gigantescas identificadas com placas, também enormes, escritas em mandarim. A agressividade chinesa na África podia ser medida, entre outras providências, pela criação do Fórum de Macau, organismo de cooperação com as nações lusófonas na África, iniciativa que tem o óbvio propósito de se contrapor à CPLP, a Comunidade dos Países de Línguas Portuguesas.

O Brasil, embora seja um dos fundadores da CPLP, nunca deu a devida importância à entidade.

BBC News Brasil - Como escritor de sucesso com a trilogia 1808, 1822 e 1889, qual é a sua expectativa sobre as reações em torno desse novo trabalho?

Gomes - Acredito que a escravidão seja o assunto mais importante de toda a história brasileira.

Tudo que já fomos no passado, o que somos hoje e o que seremos no futuro tem a ver com as nossas raízes africanas e a forma como nos relacionamos com elas. Minha trilogia segue a fórmula dos meus livros anteriores, pelo uso de uma linguagem simples, fácil de entender, capaz de atrair a atenção mesmo de leitores mais jovens e não habituados a estudar o tema. Mas espero dar uma contribuição pessoal para o desafio brasileiro de encarar a sua própria história escravagista e dela tirar lições que nos ajudem a construir o futuro.

Fotos: Acervo pessoal de Laurentino Gomes



Mesquita com estilo arquitetônico das igrejas católicas brasileiras construídas por ex-escravos que voltaram ao Benim, no oeste da África

Álbum branco, 50 anos

Por Joaquim Ferreira dos Santos
Fonte: Época



Paul McCartney e John Lennon nas gravações do álbum branco Foto: Reprodução

O “álbum branco” não é o melhor dos Beatles, mas ainda assim — perdão Anitta e Lady Gaga — é muito melhor que todas as paradas de sucesso de 2018. O que se está colocando no mercado agora, 50 anos depois de seu lançamento, em 22 de novembro de 1968, é um pacote de luxo com um livro e sete CDs — no Brasil apenas três —, no qual as 30 faixas do LP original, como se fossem gremlins cabeludos, transformaram-se em 150. São remix que atualizam em estéreo o som do disco de 1968, takes não aproveitados, curiosidades de bastidores — o instrumental de “Piggies” separado das vozes —, brincadeiras em torno de “Rocky raccoon”, 27 passagens gravadas no estúdio caseiro de George Harrison e outros rabiscos que mostram como fazer Arte dá trabalho, como os quatro músicos iam aos poucos se aproximando do resultado final. É presente de Natal perfeito para beatlemânicos, todos conscientes de que a indústria está faturando com mais do mesmo. Sem problema. O Rolls-Royce psicodélico de John Lennon já tinha sido vendido fazia tempo. Vende-se agora a lata de lixo do estúdio de Abbey Road onde John, Paul, Ringo e George jogavam as sobras do “álbum branco”. São ensaios, mas você desprezaria um rascunho do Picasso?

Em novembro de 1968, os garotos de Liverpool já eram senhores estressados e loucos para fugir daquelas meninas todo dia pedindo autógrafos na porta do estúdio de Abbey Road. John estava na heroína, George no misticismo hindu, Paul na egolatria, e Ringo se perguntava a cada segundo o que exatamente — caramba! — estava fazendo ali sentado naquele banquinho de bateria. Os Beatles tinham parado com os shows, silenciado o ié-ié-ié da primeira fase e se amarravam cada vez mais às possibilidades de uma mesa de estúdio. Em *Revolver*, de 1966, o melhor de seus

12 discos, não rimavam mais “Michelle” com “ma belle” e preferiam se inspirar no “Dr. Robert”, um médico americano que receitava injeções de anfetamina para John — “Se você está devagar, Dr. Robert vai te dar um up”. Em *Sgt. Pepper's*, de 1967, Paul não quer mais dançar com a garota do baile, mas subir para o segundo andar do ônibus, como faz em “A day in the life”, e apertar um (“Alguém falou e eu entrei num sonho”). O “álbum branco” é um incrível bode preto colocado no meio da sala de concertos — e isso não tem nada a ver com o fato de John Lennon ter posto uma cama no meio do estúdio para que sua nova amada, Yoko Ono, assistisse dali às gravações.

É um disco de letras sombrias — “Sim, estou sozinho, quero morrer”, grita Lennon desesperado em “Yer blues”. Não foi à toa que Charles Manson disse ter tido a ideia de matar Sharon Tate depois de ouvir “Helter skelter” e achar que a letra de Paul, uma barafunda sem sentido sobre os efeitos de alguma droga, falava sobre o perigo de uma revolta racial nos Estados Unidos. O clima em geral é pesado. Os Beatles tinham acabado de chegar da Índia, onde passaram uma temporada tentando chegar a estágios de iluminação divina sob a condução do Maharishi Mahesh Yogi. George encantara-se com a promessa de que as portas do conhecimento não estavam só nas drogas, mas na contemplação, na fé hindu, na cítara e outros potins da cultura da Índia. Do ponto de vista religioso, foi um desastre. Os Beatles levantaram acampamento quando descobriram que o primeiro, o segundo e o terceiro olho do Maharishi não estavam no vento que murmurava filosofias de bem-querência a partir das montanhas geladas — o barbu-do estava com todos os olhos voltados para as curvas das louras que acompanharam o grupo até Rishikesh.

Do ponto de vista musical, foi bom. Juntos, sem conse-

guir meditar grandes coisas, os Beatles passavam o tempo compondo. A maior parte do disco saiu dali — e se nele há dez músicas entre as 50 piores dos Beatles (eles gravaram um total de 213), há pelo menos outras dez entre as 50 melhores. As piores são “Rocky raccoon”, “Savoy truffle”, “The continuing story of Bungalow Bill”, “Don't pass me by” — a primeira composição de Ringo Starr, precisa dizer mais? —, “Why don't we do it in the road?”, “Everybody's got something to hide except for me and my monkey”, “Wild honey pie”, “Revolution number nine”, “Good night” e a infantilóide “Ob-la-di, ob-la-da”. Algumas são vinhetas e dão a impressão de exercícios que um dia, com muito trabalho, talvez resultassem em alguma coisa. Deram a sorte de se eternizar porque foram necessárias para encher o projeto de um álbum duplo, novidade que Frank Zappa, com *Freak out*, tinha lançado dois anos antes.

O “álbum branco”, se o grupo não estivesse tão megalô de seus poderes sobre a música dos anos 60, teria dado um LP enxuto de 12 ótimas canções. “Dear Prudence”, inspirada em Prudence Farrow, trancada no quarto em Rishikesh, disposta a só sair dali levitando (“Por que você não sai para brincar?”), diz a letra de Lennon), entra em qualquer lista das dez melhores músicas dos Beatles. “Blackbird”, “While my guitar gently weeps”, “Back in the USSR”, “Julia”, “I'm so tired” e “I will” também estariam facilmente numa lista de 50 gemas, assim como “Sexy Sadie” (“Você enganou a nós todos”), inspirada no Maharishi — num take dos ensaios, Lennon lança impropérios sobre a insanidade do sujeito. As outras quatro que completariam o repertório clássico de 12 músicas por LP seriam “Cry baby cry”, “Happy birthday”, “Helter skelter” e “Revolution 1”. Na versão 2018, todas essas músicas têm ligeiros redesenhos, feitos pela mixagem de Giles Martin, filho do produtor original, George Martin. Ele privilegia algum instrumento ou vocal escondido na versão original — trouxe para a frente, por exemplo, os gemidos, quase orgasmos, de Harrison no final de “While my guitar gently weeps”.

Antes de fecharem o escritório, em 1969, os Beatles ainda fariam um grande disco, *Abbey Road*, e Paul McCartney escreveria “Let it be”, a mais bonita canção pop de todos os tempos. O “álbum branco” tem uma evidente desorganização sonora, mas é suculento. O cada um por si é evidente. Paul quer homenagear o pai, fã de Hollywood songs, em “Honey pie” e George quer soar como o vento em “Long long long”. Tudo deixa claro que o “twist and shout” dos bons tempos tinha acabado. Ringo Starr sumiu por um mês, revoltado porque Paul estava se encarregando também da bateria. John aproveitou que os outros não estavam no estúdio e deixou Yoko cantar uma frase, ao seu jeito de vanguarda desafinada, em “The continuing story of Bungalow Bill”, uma das várias músicas do disco em que se fala de morte. (A propósito, “Happiness is a warm gun”, inspirada num anúncio de revólver, poderia ter seu título aproveitado para uma campanha do novo governo brasileiro.) Paul, com “Why don't we do it in the road?”, e John, com “Yer blues”, disputavam quem seria o melhor branquelo na imitação de um cantor negro americano.

No “álbum branco” que se ouve agora, remasterizado, tudo isso continua evidente, mas o saldo a favor é espetacular. São os Beatles em ação, novamente ampliando as possibilidades do pop e da existência de cada um de seus ouvintes. Foi há 50 anos. Foi no tempo em que você colocava um disco para tocar e 30 músicas depois sua vida nunca mais seria a mesma.

[Clique na imagem do album para ouvi-lo](#)



Integrantes dos Beatles com as mulheres durante visita a Rishikesh, na Índia, no período de convivência com Maharishi, em março de 1968. A primeira à esquerda é a professora de meditação Prudence Farrow, irmã de Mia e inspiração para uma das canções do disco Foto: Hulton Archive / Getty Images

The BEATLES

JONESTOWN, 40 ANOS: O QUE LEVOU AO MAIOR SUICÍDIO COLETIVO DA HISTÓRIA

Até os ataques de 11 de setembro, a maior tragédia envolvendo ações deliberadas contra civis americanos teve lugar em meio à floresta amazônica, no território da Guiana – há exatamente 40 anos.



Corpos de habitantes de Jonestown

Em 18 de novembro de 1978, 918 pessoas morreram em um misto de suicídio coletivo e assassinatos em Jonestown, uma comuna fundada por Jim Jones, pastor e fundador do Templo Popular, uma seita pentecostal cristã de orientação socialista.

Embora algumas pessoas tenham sido mortas a tiros e facadas, a grande maioria pereceu ao beber, sob as ordens do pastor, veneno misturado a um ponche de frutas.

Foi um fim trágico para um projeto utópico iniciado em 1956, no Estado americano de Indiana.

Apesar de promover curas "milagrosas" fraudulentas, Jones promoveu ideais igualitários, como impor

vestuário modesto para os frequentadores de cultos, distribuição de comida gratuita e mesmo o fornecimento de carvão para famílias mais pobres no inverno, o que atraiu um imenso contingente de fiéis de perfis raciais mais diversos.

Messiânico

Em meados dos anos 60, o Templo Popular se mudou para a Califórnia, considerada mais aberta a ideais como os defendidos pelo pastor. Nos anos seguintes, o movimento ganhou popularidade suficiente para que Jones circulasse entre os poderosos – a primeira-dama Rosalynn Carter, por exemplo, encontrou-se várias vezes com ele.

Mas a seita também despertou suspeitas e investigações da mídia americana, que explorou relatos de dissidentes sobre um suposto estilo messiânico e ditatorial do pastor. O escrutínio levou Jones a buscar refúgio na Guiana, onde conseguiu permissão das autoridades locais em 1974 para arrendar um terreno em meio à selva e criar uma comuna longe de olhos mais curiosos.

Jonestown, como o assentamento foi batizado, tinha uma escola, bangalôs e um pavilhão central, além de espaço para que os habitantes plantassem verduras e legumes. O pastor e centenas de seguidores se mudaram para lá em meados de 1977.

A única forma de contato com o mundo era um

rádio de ondas curtas. Houve relatos de que Jones promovia um regime ditatorial, marcado por punições severas e pela presença de guardas armados para tentar evitar fugas.

O pastor também avisava aos seguidores que os serviços de segurança americanos estavam "conspirando contra Jonestown", e que uma das soluções seria um "suicídio revolucionário". Algo que, por sinal, teria sido ensaiado algumas vezes em assembleias.

Em 1978, alertado pela preocupação de parentes de integrantes da comuna, o deputado federal Leo Ryan viajou à Guiana com uma delegação de 18 pessoas para visitar Jonestown.

Depois de negociar entrada no local, a visita ocorreu em 17 de novembro. No dia seguinte, Ryan e mais quatro pessoas morreram a tiros em uma pista de pouso próxima ao assentamento. Poucas horas depois ocorreu o suicídio coletivo, considerado o maior da história.

Os relatos de sobreviventes falam em um "estado de transe coletivo", mas uma sinistra gravação dos procedimentos, que inclui discursos de Jones, contém gritos de agonia das pessoas envenenadas. Muitos dos que tentaram fugir foram mortos.

Quando autoridades da Guiana chegaram a Jonestown, o pastor foi encontrado morto com um tiro na cabeça, em uma posição que sugeriu suicídio. Dos habitantes que estavam em Jonestown naquele dia, apenas 35 sobreviveram. Mas também são considerados sobreviventes pessoas como Laura Johnston Kohl, que naquele dia estava na capital guianesa, Georgetown, comprando mantimentos para a comuna.

"Nós éramos visionários que deixaram para trás os confortos da vida urbana e se mudaram para o meio da floresta para criar um modelo de comunidade para o resto do mundo. Jim Jones era articulado para mascarar as partes dele que eram corruptas ou doentes", explica Kohl, autora de um livro em que relatou suas experiências no culto.

Quatro décadas depois da tragédia, Jonestown ainda provoca polêmica na Guiana. O terreno da comuna foi "reconquistado" pela floresta, mas há no país quem queira ver o local explorado como ponto turístico, assim como acontece nos antigos campos de concentração nazistas na Europa, por exemplo. Mas o governo do país tem se recusado a considerar a possibilidade.



Jim Jones pregava um cristianismo de cunho socialista



Bem vindo a marca do Maçom!!!

Isso mesmo, estamos aqui para representar nossa Maçonaria com produtos incríveis e claro com muitas ações sociais!!!

Aproveitem!!!

Confira



UBODE



UBODE



LEVE 1 Pasta
GANHE 20% Desconto na Caneta



UBODE

HÁ 100 ANOS, TERMINAVA A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL



Era o fim de um infame conflito sem causa, ideologia ou heroísmo, que enterrou um mundo de ideias com seus milhões de mortos

Por José Francisco Botelho

Em um buraco no chão – ali vivia um homem. Não era um buraco limpo ou confortável. Na verdade, era um buraco cheio de lama, com centenas de pessoas amontoadas e um cheiro denso de suor e dejetos. Quando a vida se tornava demasiado terrível, o homem tentava distrair a mente escrevendo um poema – ou rezando. Era um católico praticante, de 24 anos, segundo-tenente no Exército Britânico – e o buraco, onde ele viveu entre junho e outubro de 1916, era uma trincheira no norte da França, nas vizinhanças do Rio Somme. Ingleses, franceses e alemães travavam uma das batalhas mais sangrentas da história humana. No meio da lama e do sangue, o oficial tentava entender como tudo aquilo se encaixava em sua fé cristã. Certo dia, em um intervalo nos combates, ele se sentou sob uma árvore, no bosque de Bus-lès-Artois. Uma chuva fina caía, mas ele não se importou. Ficou ali, sem dormir e sem comer, por dois dias. E então redigiu uma longa carta a um de seus amigos de infância – que também estava servindo em uma trincheira, a quilômetros dali. “Minha principal impressão”, escreveu, “é que alguma coisa se quebrou para sempre”.

O oficial insone sob aquela árvore no bosque francês era John Ronald Reuel Tolkien – e suas palavras ecoaram o sentimento que dominava toda a Europa. Começando com um atentado terrorista em Sarajevo em 1914, a Primeira Guerra Mundial havia lançado as maiores potências da época em um duelo inútil, prolongado e sangrento. Os principais combatentes eram a Inglaterra, a França, a Alemanha, o Império Austro-Húngaro e o Império Turco-Otomano – mas a conflagração envolveu quase todos os países da Europa e se espalhou por todos os continentes do globo. Escavadas da França ao Oriente Médio, as trincheiras da Grande Guerra foram o símbolo de um conflito em que a maior vítima foi o otimismo da civilização europeia. Na obra *A Crise do Espírito*, de 1919, o francês Paul Valéry resumiu a melancólica lição aprendida: “Agora, nossa civilização sabe que é mortal”. O velho mundo que a geração de Tolkien conhecera estava realmente quebrado para sempre. E sobre os lamacentos alicerces das trincheiras, levantou-se o turbulento mundo em que vivemos.

Inferno na Terra

Além de ser, de fato, a primeira guerra a envolver todos os continentes, o conflito de 1914 a 1918 viu a estreia maciça das tecnologias da morte que marcariam os tempos modernos. Aviões e submarinos, embora desenvolvidos antes de 1914, foram usados pela primeira vez em larga escala na Grande Guerra – que também

serviu de estopim para a invenção de outras máquinas, como o tanque. Por outro lado, aquela foi também uma guerra do século 19: generais de ambos os lados subestimaram o avanço tecnológico do inimigo e pagaram um alto preço por isso. “A doutrina militar dos ingleses e franceses era baseada no ímpeto e na rapidez dos soldados de infantaria – mas a artilharia pesada dos alemães colocou um fim ao brio e à galhardia dos antigos combates a pé”, diz o jornalista e historiador inglês Robin Cook, autor de mais de 30 livros sobre história militar. Já os generais alemães, cujo exército em terra era o mais moderno do mundo, subestimaram a Marinha inglesa: os britânicos começaram em 1914 um bloqueio naval à Alemanha, cortando suas rotas de comércio pelo mar e levando à morte mais de 300 mil alemães por desnutrição. Com falta de homens e mantimentos para sustentar seus planos grandiosos, o país também naufragou na lama.

Foram os alemães, aliás, que cavaram as primeiras trincheiras, em setembro de 1914. Três meses antes, haviam invadido a Bélgica e a França, chegando a 70 km de Paris, mas logo tiveram de recuar até as margens do Rio Aisne. Ali fincaram pé: recuar mais seria uma desonra. Sem conseguir avançar sob a forte artilharia inimiga, ingleses e franceses confiscaram pás, picaretas e enxadas nas fazendas das vizinhanças – e também começaram a cavar seus próprios buracos.

As valas improvisadas logo se transformaram em sistemas complexos. Os soldados tinham de dormir no chão, enrolados em suas capas – e eram despertados constantemente pela passagem de ratos, sapos e insetos. Quando o solo estava molhado, era impossível se deitar – então os soldados tinham de dormir sentados, encostados uns nos outros. No lado alemão, as trincheiras eram mais organizadas. Tábuas de madeira sustentavam a terraplanagem, e em alguns lugares havia até iluminação, ventilação e abrigos de concreto. Mas o efeito demoralizante era o mesmo. Lohar Dietz, que serviu no norte da França, descreveu a exaustão que tomara conta dos soldados rasos alemães em 1914: “Seria muito melhor atacar da forma mais louca e temerária do que ficar o dia inteiro aqui, escutando o barulho das granadas e imaginando se serei o próximo a ir pelos ares”.

A guerra das ilusões

Em 24 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando – herdeiro do Império Austro-Húngaro – fazia uma visita a Sarajevo, na atual Bósnia. O território, na época, era dominado pelos austríacos, mas diversas organizações clandestinas buscavam a independência. Era o caso da Mão Negra – grupo formado por bósnios de etnia sérvia, que sonhavam com a criação de

uma Grande Iugoslávia, unindo todos os eslavos do leste europeu. Foi um membro da Mão Negra, o sérvio étnico Gravilo Princip, quem puxou o gatilho da Primeira Guerra: os tiros de sua pistola derrubaram o arquiduque austríaco e sua esposa, quando passavam pelas ruas de Sarajevo no carro oficial.

Em seguida, o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia, apoiadora da Mão Negra – mas o que deveria ser uma guerra punitiva e localizada se alastrou por toda a Europa e pelo resto do mundo. A monarquia alemã, aliada dos austríacos, logo entrou na guerra. E arrastou consigo o Império Turco-Otomano, aliado de Berlim. A Sérvia, por sua vez, era aliada da Rússia, que era aliada da França, que era aliada da Inglaterra... Como alpinistas cegos, amarrados uns aos outros, as grandes potências foram desabando no precipício – e sua queda envolveu também os protetorados e colônias europeias, que, na época, ocupavam 80% do globo.

Quase todos os envolvidos saíram perdendo. A Alemanha planejava usar a conflagração para construir um império – mas o passo foi maior que suas pernas. Os impérios russo, austro-húngaro e turco-otomano pretendiam proteger suas fronteiras e aumentar seu poder, mas acabaram destroçados ao fim do conflito. Já a França e a Inglaterra acreditavam, no início da guerra, que suas antigas táticas de infantaria seriam suficientes para derrotar o maquinário alemão, mas acabaram perdendo mais de 2 milhões de soldados – na maioria, jovens. Não por acaso, o historiador alemão Fritz Fischer chamou a Primeira Guerra de “a guerra das ilusões”.

Moléstias do lodo

Balas de franco-atiradores e projéteis de artilharia não eram os únicos perigos. Nas trincheiras da Bélgica e da França, o solo pantanoso ficava alagado no inverno. Mergulhados no lodo, os soldados desenvolviam uma doença que ficou conhecida como “pé de trincheira”: a umidade deixava os pés azulados ou vermelhos, cheios de bolhas e úlceras, que muitas vezes acabavam em gangrena e amputação. A supremacia desse elemento úmido, escuro e pegajoso é uma constante nos relatos de soldados. Em uma carta de 14 de dezembro de 1914, o capitão inglês Noel Chavasse descreveu um grupo de soldados escoceses após três dias nas trincheiras em Kemmel, no norte da França: “Eles ficaram 72 horas com água e lama até o joelho, e é horrível vê-los saindo de lá de dentro. Já não parecem jovens, nem parecem homens. Jamais vi algo assim. Parecem criaturas bestiais”.

Continua...

Havia uma praga adicional: os piolhos. Amontoados e com pouca higiene, os soldados não tinham como evitar a infestação. E os problemas não se resumiam à coceira das picadas. De todos os soldados ingleses que ficaram doentes na frente ocidental, um quinto foi atacado pela bactéria *Bartonella quintana* – transmitida pelos piolhos, causava febre alta, tontura e terríveis dores nas pernas, nas costas e na cabeça. A “febre de trincheira” não era fatal, mas podia deixar as vítimas fora de combate por semanas ou meses. E foi esse o diagnóstico para o paciente J. R. R. Tolkien, que viera até a enfermaria com 40 graus de febre. Três dias depois, Tolkien era evacuado do campo de batalha e jamais voltou aos combates. Foi assim que um piolho mudou a história da literatura.

Trincheiras

As trincheiras foram o fenômeno mais emblemático da Primeira Guerra Mundial – e se tornaram um símbolo não apenas dos horrores do conflito, mas também de sua futilidade. Os primeiros a escavarem valas fortificadas foram os alemães, em setembro de 1914, às margens do Rio Aisne. O desenho geral das trincheiras germânicas foi copiado com algumas alterações em lugares como a atual Turquia, a Itália, a Palestina e a Polônia. Mas a maior parte se concentrava na Bélgica e no norte da França, do litoral até a fronteira com a Suíça.

Cada sistema de trincheiras era formado, em geral, por três valas, de 2 a 4 m de profundidade, separadas por uma distância entre 60 e 270 m. Na primeira linha, ficavam os sentinelas e franco-atiradores – que recuavam para a segunda vala em caso de bombardeio. A reserva de soldados ficava no terceiro buraco. Havia trincheiras menores, longitudinais, conectando as maiores – serviam para que os soldados recuassem ou avançassem sem se expor ao fogo inimigo e, também, para o transporte de alimentos e munição. No solo pantanoso do norte da França, o fundo das trincheiras era forrado com sacos de areia, mas mesmo assim os alagamentos eram constantes.

Entre as posições inimigas, ficava a Terra de Ninguém – um espaço de 9 a algumas centenas de metros, cortado por arames farpados e pontuado por crateras de bombas.

Para dificultar a mira dos adversários, as trincheiras eram escavadas em ziguezague, fazendo ângulos de 90° para a direita e para a esquerda, sucessivamente, como um labirinto. De acordo com o historiador americano Paul Fussell, mais de 40 mil km de valas foram escavadas na Grande Guerra – se esticadas numa linha reta, dariam a volta ao mundo. “Teoricamente, seria possível caminhar da Bélgica até a Suíça quase sem sair de debaixo da terra, eventualmente pulando de uma trincheira para outra”, escreveu *Fussell em The Great War and Modern Memory*, de 1981.

Terra de ninguém

Nos intervalos entre os ataques, os soldados entrincheirados viviam em estranha intimidade com os inimigos. Em algumas partes da frente ocidental, a área deserta separando as posições adversárias – conhecida como Terra de Ninguém – tinha apenas 9 m de largura. Era possível ouvir os soldados tossindo, conversando, chorando ou espirrando do outro lado. Nos primeiros meses da guerra, os soldados rasos em ambas as frentes haviam desenvolvido uma rotina para tornar a vida menos terrível: os franco-atiradores disparavam apenas em horários específicos, dando chance para que os inimigos recolhessem seus mortos, comessem ou dormissem.

Quando os oficiais graduados não estavam olhando, a cortesia entre os adversários rasos crescia. Em 10 de dezembro de 1914, a voz de um soldado inglês ecoou na Terra de Ninguém às margens do Aisne: “Bom dia, Fritz. Venha pegar uns cigarros”. Fritz era o nome genérico dado pelos ingleses aos soldados alemães. Fritz respondeu, em inglês: “Vamos nos encontrar no meio do caminho. Ninguém atira”. Pouco depois, os inimigos estavam no terreno neutro, trocando cigarros, uísque, queijos e apertos de mão.

A confraternização chegou ao ápice no Natal de 1914. “De repente, luzes começaram a aparecer na balastrada alemã, e logo ficou claro que eram árvores de Natal improvisadas, adornadas com velas acesas”, escreveu o inglês Graham Williams, em carta de 24 de dezembro de 1914, na Bélgica. Os alemães então começaram a cantar *Stille Nacht, Helige Nacht* – sua versão de Noite Feliz. Os ingleses responderam com outro hino natalino, *The First Nowell*. Situações assim aconteceram em vários



Alemães montam árvores de Natal em 1915: a guerra teve momentos de solidariedade Getty Images

locais: cerca de 100 mil soldados entraram em uma trégua não oficial. E, em alguns lugares, as confusões geopolíticas das grandes potências deram lugar a jogos não letais. Em Ypres, no dia 1º de janeiro, alemães e escoceses disputaram uma amigável partida de futebol sobre o solo esburacado e congelado da Terra de Ninguém. Os alemães venceram por 3 a 1.

Nuvem da morte

As tréguas espontâneas não agradaram nem os generais nem os governantes das potências em guerra. Em dezembro de 1915, o alto-comando inglês intensificou os bombardeios contra as trincheiras alemãs, para aniquilar qualquer chance de um novo Natal feliz. Ao longo dos quatro anos de guerra, os dois lados tentaram a todo custo quebrar o impasse das trincheiras. Um dos métodos – o mais pavoroso – foi colocado em ação pela primeira vez em Ypres, no dia 22 abril de 1915.

Por volta das 5 e meia da tarde, soldados argelinos e marroquinos – convocados nas colônias francesas da África – avistaram uma nuvem esverdeada que se aproximava, soprada por uma brisa suave. O estranho nevoeiro logo preencheu as trincheiras. No início, nada aconteceu: a nuvem de cheiro doce apenas causou cócegas nas narinas dos soldados. Mas, em segundos, o veneno fez efeito. Centenas de homens sentiram os pulmões em chamas e caíram no chão, com bolhas espumantes brotando da garganta. E morreram asfixiados, com braços contorcidos e rostos escuros. Outros tantos se levantaram, em pânico, e tentaram fugir das trincheiras, mas a maioria foi metralhada pelos alemães a postos do outro lado. Em dez minutos, 6 mil homens estavam mortos; outros milhares ficaram cegos, incapazes de lutar.

A nuvem esverdeada era o gás cloro, inventado naquele ano pelo químico Fritz Harber por encomenda do exército alemão. “Apesar dos efeitos terríveis, naquele mesmo dia ficou claro que o gás não era uma arma decisiva”, diz o historiador Lawrence Sondhaus, autor de *A Primeira Guerra Mundial: História Completa*. “Os próprios alemães tinham medo de avançar pelas áreas cobertas de gás cloro – e, por isso, não conseguiram tomar a posição inimiga”. Mesmo assim, as nuvens da morte continuaram sendo usadas. Os britânicos desenvolveram um similar ao gás cloro e os franceses elaboraram um composto ainda mais letal, o fosgênio, inodoro e sem cor.

As primeiras contramedidas logo foram tomadas: soldados foram abastecidos com pequenas máscaras de algodão que, embebidas em água, retardavam os efeitos dos gases. As máscaras rudimentares se desenvolveram até tomar a forma que se tornou sinistramente famosa: um estranho elmo que cobria todo o rosto, conectado a um cilindro com substâncias que absorviam e filtravam os gases letais. As mortes diminuíram, mas os efeitos colaterais – como a cegueira temporária – continuaram tirando soldados de combate até o fim da guerra.

Foi o que aconteceu a certo soldado austríaco naturalizado alemão, em outubro de 1918. Cegado por um ataque britânico com gás, em Ypres, o rapaz de 25 anos passou os últimos meses do conflito em um hospital na Alemanha. No dia 10 de novembro, um pastor protestante anunciou aos pacientes a já esperada notícia: o kaiser havia caído, a Alemanha se tornara uma república, e a guerra estava perdida. O jovem recuperou a visão e escreveria, anos depois, em suas memórias: “Seguiram-se dias terríveis e noites ainda piores – eu sabia que tudo estava perdido... Nessas noites o ódio cresceu em mim... Confinado àquela cama, veio à minha cabeça a ideia de que um dia eu libertaria a Alemanha, que um dia eu a tornaria grande de novo”. Seu nome era Adolf Hitler.

A guerra que não acabou

A Grande Guerra sacudiu e reorganizou o mundo. Durante os cem anos seguintes, o xadrez da política global seria jogado no tabuleiro que emergiu dos escombros de 1918. Para começar, a guerra pôs fim ao domínio supremo da Europa sobre o globo. Ao longo do século 19, a população europeia crescera sem parar: em 1914, 40% da população global era formada por cidadãos de países europeus, residentes não só em seus países de origem como em colônias ao redor do planeta. A Grande Guerra pôs fim ao crescimento demográfico do Velho Mundo: a maior parte dos 9 milhões de mortos do conflito era formada por europeus.

A Grande Guerra foi um terremoto. No meio do conflito, em 1917, estourou a revolução que pôs fim à monarquia dos Romanov na Rússia. Finlândia, Estônia, Látvia e Lituânia ganharam independência do desfeito império czarista – enquanto a União Soviética se preparava para espalhar a revolução pelo resto do mundo. Dos escombros do Império Austro-Húngaro nasceram a Jugoslávia e a Tchecoslováquia – que ao longo do século 20 se desmembrariam em Sérvia, Croácia, Bósnia, Kosovo, Montenegro, República Tcheca e Eslováquia.

No Oriente Médio, as províncias do Império Otomano viraram butim dos vencedores. Ingleses e franceses inventaram as fronteiras de Síria, Líbano, Iraque, Palestina e Jordânia. Alguns dos conflitos que assolam o mundo até hoje foram plantados na época – como a guerra entre Israel e os palestinos. Durante a Primeira Guerra, os ingleses prometeram independência às terras habitadas por árabes, em troca de ajuda contra os turcos. Mas na década de 20 passaram a estimular a imigração de judeus ao Oriente Médio – o que levou à fundação de Israel, em 1948.

Além disso, a Grande Guerra viu o surgimento de um novo poder global. Até então, os EUA seguiam uma política de não se intrometer em assuntos internacionais – mas sua entrada na guerra, em 1917, selou a derrota da Alemanha e abriu a era da intervenção global americana. Quando a guerra terminou, em 1918, o século de Washington havia começado.

BRASILEIROS INVESTEM MAIS DE R\$ 1 BILHÃO EM UM ANO EM IMÓVEIS EM PORTUGAL

Em Lisboa, brasileiros já são os que mais compram imóveis. Buscam diversificação de investimentos, qualidade de vida e vistos como o “visto gold” ou “golden visa”, que dá residência e cidadania portuguesa. Tem também o “visto D7”, que tem atraído cada vez mais aposentados brasileiros para a terrinha. [Clique na imagem para assistir o vídeo](#)

Renata Moura
Da BBC News Brasil em Londres



QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL? PROCURE-NOS!

ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO

- Abertura de Conta Bancária
- Abertura de empresas
- Apoio na selecção de Escola e matrícula
- Apostilhamento de Documentos
- Assessoria na obtenção de Visto de Residência em Portugal
- Autenticação de documentos e reconhecimento de assinaturas
- Contrato água, luz, gás e internet
- Elaboração de Estratégia Migratória
- Inscrição na Segurança Social
- Nacionalidade
- Obtenção de documentação junto de entidades publicas
- Obtenção de NIF (Número de Identificação Fiscal)
- Processo de inscrição em ordens profissionais
- Processo de matrícula em Faculdade (curso superior ou mestrado)
- Processos de equivalência de estudos
- Prorrogação da Autorização de Residência
- Prorrogação do Visto
- Reagrupamento familiar
- Representação em reuniões do condomínio
- Representação perante diversos organismos estatais e privados
- Serviços de tradução

Somente WhatsApp



27 99996-8666

Geraldo Ribeiro

geraldoribeirocj@gmail.com

Tel.: Portugal
00 351 963 798 888

ARTE ERÓTICA PINTADA EM QUARTO É ENCONTRADA NAS RUÍNAS DE POMPEIA



AFRESCO QUE RETRATA A RAINHA LEDA E O DEUS ZEUS COMO UM CISNE (FOTO: DIVULGAÇÃO/ CESARE ABBATE/ POMPEII SITES)

Arqueólogos descobriram afresco que retrata relações sexuais da rainha de Esparta com o deus Zeus (que estava "disfarçado" como um cisne)

Destruída após a erupção do Monte Vesúvio, no ano 79, a cidade de Pompeia ainda reserva descobertas aos arqueólogos: durante as escavações de uma casa que fora coberta pelas camadas de cinzas expelidas pelo vulcão, os pesquisadores encontraram uma pintura erótica que estava na parede de um dos quartos da habitação. O afresco retrata uma cena mítica que causa estranhamento aos olhares contemporâneos: Leda, a rainha de Esparta, está seminua e é acariciada por um cisne (que, na realidade, seria o deus Zeus "disfarçado" para realizar suas corriqueiras aventuras sexuais).

De acordo com os arqueólogos que trabalham com a redescoberta de relíquias do Império Romano, tal pintura não era incomum de ser retratada nas casas de abastados cidadãos que desejavam exibir seu prestígio social a partir do resgate das tradições herdadas do povo grego, maior influenciador cultural dos romanos.

De acordo com a tradição mítica, Zeus (considerado o "rei dos deuses" do Monte Olimpo) passava pela Terra cono um cisne quando correu aos braços da rainha Leda para proteger-se de uma águia que tentava caçá-lo. O deus seduziu a espartana e manteve relações sexuais com ela.

Dois ovos foram gerados e deles nasceram Clitemnestra, Castor, Pólux e Helena (protagonista dos acontecimentos que culminaram com a Guerra de Troia narrada em *Ilíada*, do poeta Homero). Na narrativa, Helena e Pólux seriam filhos de Zeus, mas foram adotados pelo rei espartano Tíndaro — Clitemnestra e Castor eram considerados filhos legítimos do monarca, que também teve relações sexuais com Leda na mesma noite sensual da visita do "ganso" Zeus.

A descoberta da pintura foi realizada durante a investigação de um bairro luxuoso de Pompeia conhecido como Via del Vsuvio. No interior das casas, os arqueólogos também encontraram outras obras de arte com temas míticos, como a representação da deusa Vênus. De acordo com os especialistas, o dono da residência onde estava a pintura sensual provavelmente era um abastado comerciante ansioso por elevar seu prestígio social diante de seus colegas.

A erupção do vulcão Vesúvio é conhecida até hoje como uma das piores catástrofes registradas pela humanidade. A explosão de rochas, cinzas e fumaça venenosa foi responsável pela morte instantânea de ao menos 16 mil pessoas que viviam na região, localizada ao sul da Itália. De acordo com análises feitas com os corpos carbonizados encontrados no local, as vítimas foram expostas a uma temperatura superior a 700° C: durante o desastre, o sangue de algumas pessoas pode ter

evaporizado e seus crânios explodiram por conta da intensidade da energia térmica decorrente da erupção.

Além de Pompeia, a cidade romana de Herculano também foi destruída. Os registros da tragédia perderam-se ao longo do tempo e as ruínas só foram redescobertas após quase 16 séculos. A partir de 1748, pesquisadores começaram a escavar as grossas camadas de cinzas e encontraram construções preservadas e centenas de corpos carbonizados.

O Monte Vesúvio ainda está ativo — sua erupção mais recente foi em 1944 — e mais de 3 milhões de pessoas vivem em suas proximidades.

Fonte: Revista Galileu



PRECISAMOS DE VOCÊ PARA SALVAR VIDAS.

DOE AGORA

OS ÚLTIMOS ANOS DE FIDEL CASTRO



Em seus momentos finais, até a morte em 2016, Fidel apareceu pouco. Mas, quando o fez, foi para reafirmar suas crenças políticas

Líder, presidente, comandante, herói, revolucionário, libertador, tirano, ditador: Fidel foi um homem de muitos adjetivos, dados por fãs e detratores. Até a aposentadoria, em 2008, ele e seu país nunca deixaram o noticiário. Nas décadas de 1960 e 1970, foi pelas incursões militares na África e o apoio às guerrilhas da América do Sul.

Em 1980, com o Êxodo de Mariel – quando Fidel responde a acusações americanas de prender seus cidadãos no próprio país abrindo o porto de Mariel para quem quisesse sair. E, como um presente ao Tio Sam, mandando alguns indesejáveis na rota, prisioneiros comuns e pacientes de instituições mentais.

Na década de 1990, o foco se torna a imensa penúria em Cuba, resultante do fim da União Soviética e a perda de um grande cliente e patrocinador, forçando o país a se abrir ao turismo e aceitar o dólar em sua economia. O que causaria uma perversa forma de desigualdade social, na qual um taxista, que ganha em dólar, pode receber o equivalente a várias vezes o salário de um reitor de universidade.

Por essa mesma época, o comandante deixou de andar exclusivamente de farda para aparecer de terno. E as polêmicas começaram a esfriar. Cuba continuou a ser um regime autoritário, mas, com o fim da Guerra Fria, ninguém podia mais levar a sério a ideia de que a ilha iria acabar com a democracia no continente americano.

Na década de 2000, Castro ganhou vários amigos próximos nos governos esquerdistas do continente, abraçado literal e figurativamente pelos presidentes Hugo Chávez, da Venezuela; Evo Morales, da Bolívia; e o casal Néstor e Cris-

tina Kirchner, da Argentina; e, não é segredo, Lula e Dilma, do Brasil.

eria esse “Castro light” a sumir dos holofotes em 2006, quando veio a público a notícia de que ele tinha sofrido uma grave hemorragia intestinal que quase o levou já então, não fosse uma cirurgia de emergência realizada no fim de julho. Afastado provisoriamente do cargo de presidente, ele faria uma participação no programa de rádio do presidente da Venezuela Hugo Chávez, em fevereiro de 2007.

Mas não voltaria mais ao comando de Cuba: em fevereiro de 2008, oficializou a posse do sucessor Raúl Castro, seu irmão. Era o fim de 49 anos no poder, somando as funções de primeiro-ministro de Cuba, entre 1959 e 1976, e presidente até 2008. Em 2011, deixaria também a função de primeiro secretário do Partido Comunista de Cuba, que ocupava desde 1961. Com a batuta firmemente nas mãos do irmão Raúl, Fidel se tornaria uma figura simbólica, espécie de espírito guardião da alma revolucionária.

E um tanto folclórica, também, trocando o terno que havia substituído a farda por roupas esportivas, com as quais visitava chefes de Estado – remetendo à sua atlética juventude. (A resposta para o mistério dos conjuntinhos “capitalistas”, aliás, é simples: ele simplesmente se aposou de alguns uniformes da seleção olímpica de Cuba, gentilmente cedidos por marcas esportivas europeias.)

Em seus últimos anos, Fidel faria viagens, aparições e declarações esporádicas. Em 2011, condenou a ação da Otan contra Muammar Gaddafi, um velho aliado, na Líbia. Em 2012, receberia o papa Bento XVI em sua visita a Cuba. Durante a ida de Obama ao país, em março de 2016, recusou-se a encontrá-lo, quem sabe retornando o favor do presidente Dwight Eisenhower, que não o recebeu em 1959.

Afirmou então que “Cuba não precisa de presentes do império”.

Em 20 de abril seguinte, ele faria seu último discurso, diante do congresso do Partido Comunista de Cuba. Anunciando que logo faria 90 anos e que talvez fosse sua última vez naquela sala, ele fez sua despedida. Terminando em: “Prossigamos na marcha para diante e aperfeiçoemos o que devemos aperfeiçoar, com a máxima lealdade e força unida, numa marcha impossível de deter”.

Definitivamente, não é esse um discurso de alguém que revê suas crenças, mas o de quem parece ter a convicção de estar na mesma luta do princípio da carreira. Ao anunciar sua morte, em 25 de novembro de 2016, seu irmão Raúl terminou com um já hoje quase nostálgico “hasta la victoria, siempre!”. Vitória eles tiveram. A extremamente improvável derrota de um governo de 50 mil soldados por 12 guerrilheiros, por si só, já é impressionante o suficiente.

Ele entraria para a História como um dos maiores generais de todos os tempos. Mas Fidel e seus amigos tiveram quase 60 anos para administrar o país. E, aí, nem tudo é vitória. Cuba tem excelentes indicadores em alguns pontos, como boa escolarização, acesso à saúde e baixa mortalidade infantil.

Contudo é também ainda hoje uma ditadura de partido único, onde as pessoas são perseguidas por suas opiniões políticas e toda a imprensa é controlada pelo governo. Fica a pergunta que ele levantou lá em 1953: a História o absolverá? Ou continuará ele a dividir corações e mentes na América, o bicho-papão ditador comunista, para uns, e o santo guerreiro contra o dragão do imperialismo americano, para outros? A verdade provavelmente fica em algum lugar do meio.

Fabio Marton e Tiago Cordeiro



Ao lado de Cristina Kirchner *Wikimedia Commons*



CLICK AQUI E FAÇA UMA DOAÇÃO



UM TERÇO DOS EUROPEUS MAL OUVIU FALAR DO HOLOCAUSTO



Visita educativa para jovens ao campo de concentração nazista de Mauthausen (Áustria). RUBRA AP

Juan Carlos Sanz – El País

Pesquisa da CNN: para mais de um quarto dos consultados, judeus têm muita influência nos negócios

O crescimento da extrema direita nas urnas europeias é acompanhado de lemas e símbolos que lembram, e não apenas aos olhos dos judeus, o clima que reinava no continente nos anos 1930. À medida que passa o tempo desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o Holocausto começa a cair no esquecimento de um passado distante, alertavam no primeiro semestre os autores do estudo anual da Universidade de Tel Aviv sobre o antissemitismo. Agora, uma pesquisa feita em sete países da Europa para a rede de TV CNN acaba de confirmar essa percepção. Um terço dos europeus não sabe nada ou mal ouvir falar do extermínio de mais de seis milhões de judeus pelo regime nazista. O Yad Vashem, museu e centro de pesquisa de Jerusalém sobre o Holocausto, alertou para “a persistência de atitudes antissemitas na civilização europeia 75 anos depois” da chamada solução final.

Estereótipos que pareciam abandonados ressurgem com o eco perturbador da expansão do fascismo. Mais de um quarto dos 7.000 cidadãos consultados pelo instituto ComRes na Alemanha, França, Reino Unido, Polônia, Áustria, Hungria e Suécia consideram que os judeus têm muita influência no mundo dos negócios, e 20% acham que eles dominam a política e os meios de comunicação. Porcentagens semelhantes consideram que os israelenses estão por trás da maioria das guerras e conflitos ativos, segundo a pesquisa – feita antes do ataque de 27 de outubro contra a sinagoga de Pittsburgh, que deixou 11 mortos.

O conceito de antissemitismo não está universalmente definido. A Aliança Internacional para a Memória do Holocausto, integrada por 31 países ocidentais, entre eles Alemanha, Espanha e Reino Unido, adotou

em 2016 a seguinte definição, sem força legal: “É uma determinada percepção sobre os judeus, que pode ser expressa como ódio em relação aos judeus. As manifestações verbais e físicas de antissemitismo são dirigidas a indivíduos judeus ou não judeus e ou suas propriedades, e a instituições e centros religiosos da comunidade judaica”.

O banco de dados do Centro Moshe Kantor para o estudo do antissemitismo e do racismo contemporâneos, ligado à Universidade de Tel Aviv, destaca que em 2017 houve uma queda de 9% no número de incidentes violentos contra os judeus. Na Espanha, esse observatório registrou apenas dois casos de antissemitismo agressivo, em comparação com 99 casos nos Estados Unidos, 55 no Reino Unido e 36 da Alemanha. “Mas essa redução dos ataques é ofuscada pelo aumento de outras manifestações antissemitas – como as que ocorrem nas redes sociais ou na forma de *bullying* nas escolas –, muitas das quais não são nem mesmo denunciadas”, advertiu o Centro Kantor.

A erosão da vida pública dos judeus, que deixam de participar de reuniões tradicionais com seus símbolos para não ser marcados socialmente, é a principal consequência desse fenômeno, segundo o relatório da Universidade de Tel Aviv. “O uso pejorativo do termo judeu e de seus derivados é inseparável das percepções antissemitas”, conclui.

Na pesquisa encomendada pela CNN, que deve ser divulgada em sua totalidade pela emissora nesta sexta-feira, constata-se também que um terço dos europeus considera que os judeus usam a lembrança do Holocausto no mundo em seu próprio benefício. Em contrapartida, 40% dos consultados acreditam que os judeus estão ameaçados pela violência racista em seus próprios países e precisam ser protegidos. Por fim, 28% acreditam que o aumento do antissemitismo na Europa se deve principalmente à política e às ações do Estado de Israel.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse à CNN na noite de terça-feira que embora na Europa “exista um velho antissemitismo da extrema direita, também há um novo, vindo da extrema esquerda e de redutos radicais islâmicos” no continente. Durante a entrevista, Netanyahu elogiou líderes ultraconservadores europeus, como o húngaro Viktor Orbán e o austríaco Sebastian Kurz, por terem fundado centros de estudos e organizado conferências sobre o Holocausto.

“O antissionismo e a oposição às políticas de Israel são a expressão mais atual do antissemitismo”, argumentou o líder israelense, que hoje chefia o Governo mais direitista da história de Israel. “Agora costumam dizer: ‘Não estamos contra os judeus, apenas contra o Estado de Israel’”, acrescentou.

Em uma entrevista ao EL PAÍS, o escritor israelense Amos Oz, alinhado com a esquerda pacifista, aventou outra definição: “O que é o antissemitismo? É complicado. Nem todos que criticam Israel são antissemitas. Eu mesmo faço isso. Se você critica o que os judeus fazem, pode ter razão ou não, mas é algo legítimo. Mas se você critica os judeus por serem quem são, aí existe antissemitismo. Onde está a linha vermelha? Não sei, mas existe”.

Um terço dos europeus acredita que os partidários de Israel recorrem às acusações de antissemitismo para silenciar as críticas ao país. Um décimo, porém, nega que seja assim. Até 18% das pessoas consultadas na pesquisa veem o antissemitismo como uma resposta social ajustada ao comportamento cotidiano dos judeus em seus próprios países.

“Os resultados da pesquisa demonstram a necessidade de intensificar a educação e a conscientização sobre o Holocausto”, assinalou na terça-feira o Yad Vashem. Ante o esquecimento, o centro conclamou a manter viva a chama do conhecimento e a reavivar as brasas da memória.

Camisetas
100% algodão

UBODE

Confira

“DIPLOMACIA BRANCA” COM MÉDICOS RENDE 42 BILHÕES DE REAIS A CUBA POR ANO



Por **María Antonia Sánchez-Vallejo** – El País

Havana recebe como heróis os profissionais de saúde repatriados após fim da colaboração no Brasil.

Atualmente, a ilha mantém 50.000 profissionais de saúde espalhados por 67 países

O doutor Manuel Alejandro Rodríguez Martín, de 35 anos, nunca imaginou que seria recebido como um herói em Cuba ao voltar da última das três missões de saúde que realizou no exterior. Com seu jaleco branco e abraçado a bandeiras cubanas e brasileiras, ele e o resto dos primeiros 200 médicos repatriados do Brasil foram recebidos no aeroporto de Havana na madrugada de sexta-feira pelo presidente Miguel Díaz-Canel, que elogiou sua dignidade e seu humanismo.

O Ministério de Saúde cubano decidiu há uma semana se retirar do programa Mais Médicos, que desde 2013 trouxe milhares de profissionais de saúde ao Brasil, depois das críticas do presidente eleito, Jair Bolsonaro. Um segundo voo charter repatriou horas depois outros 200 médicos. Os 8.000 restantes retornarão a Cuba até 12 de dezembro. “Começam a chegar à pátria os apóstolos da saúde cubana que são #MasQueMedicos [“mais que médicos”]. Nossa homenagem aos homens e às mulheres que fizeram história no Brasil. Bem-vindos a casa”, tuitou o presidente cubano.

Sua presença no aeroporto às cinco da madrugada — poucas horas antes de inaugurar um foro empresarial hispano-cubano em Havana com o primeiro-ministro espa-

nhol, Pedro Sánchez — e a exaustiva cobertura do retorno nos noticiários da televisão e nos jornais sublinham a importância da chamada “diplomacia dos jalecos brancos”: representa o último reduto do internacionalismo, mas também a principal fonte de receita — à frente do turismo e do envio de remessas — da ilha, já que o Estado fica com 75% de seus salários. Cuba, que atualmente tem 50.000 profissionais de saúde espalhados por 67 países, fatura por essa via 11 bilhões de dólares (42 bilhões de reais) ao ano.

Se somamos a isso as críticas do ultradireitista Bolsonaro, as missões de saúde, decisivas contra a epidemia de cólera no Haiti e a de ebola na África, reforçam ainda mais sua dimensão ideológica.

Bolsonaro qualificou de escravidão o trabalho dos médicos cubanos e instou Havana a repassar-lhes o salário integral, além de exigir a revalidação de seus diplomas, uma contratação individual e direta por Brasília e o reagrupamento familiar dos expatriados. Fez também uma oferta de asilo aos médicos que não quiserem voltar para Cuba, o que aumentou ainda mais a tensão com Havana. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, elogiou a iniciativa de Bolsonaro.

Nos cinco anos em que Cuba participou do programa Mais Médicos, fruto de um acordo patrocinado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPS), 20.000 médicos cubanos atenderam 113 milhões de brasileiros, segundo o Ministério da Saúde da ilha. Utilizado como arma política — a afinidade ideológica do programa com o Governo da ex-presidenta Dilma Rousseff também é alvo das críticas

de Bolsonaro —, a retirada cubana deixa 30 milhões de brasileiros desamparados, principalmente em zonas periféricas, segundo autoridades locais. A “diplomacia branca” é um dos pilares da política cubana desde a revolução de 1959. Já foram realizadas 600.000 missões (com a participação de 400.000 profissionais) em 164 países.

Rodríguez Martín retorna um ano antes do previsto da pequena cidade do Paraná onde trabalhava. O sabor é agri-doce. “[Volto] com orgulho e satisfação pelo dever cumprido, e tristeza por deixar desamparadas pessoas que nunca tinham visto um médico até a nossa chegada. Estamos muito orgulhosos de ter levado a elas qualidade de vida”, explica. “Para exercer nosso trabalho, recebemos todas as facilidades por parte da prefeitura, tanto eu como minha colega, uma doutora que ficou lá por outros motivos”, acrescenta, sem dar detalhes.

Já a missão anterior de Rodríguez Martín, na região venezuelana que inclui Caracas, foi muito diferente. Ele chegou a correr risco de vida. “Minha primeira missão também tinha sido na Venezuela, em Barinas, a terra do comandante Hugo Chávez, e foi bastante tranquila. Mas a situação se complicou depois da morte do comandante. A população não nos queria e eu era alvo de rejeição durante visitas domiciliares, embora levasse remédios grátis à população. Também recebemos ameaças no centro de diagnóstico integral, e a Guarda Nacional Bolivariana teve de nos dar proteção. Todas as noites recebíamos cinco ou seis feridos nos protestos. Passamos momentos muito ruins. Levei minha esposa, uma enfermeira de cuidados intensivos, para a missão em Caracas, e em 31 de dezembro só tínhamos uma coxa de frango para o jantar. Foi uma missão difícil.”

No total, o médico passou quase nove anos no exterior (“ainda restava um no Brasil”, lamenta), e agora vai reassumir seu consultório na localidade cubana de Pinar del Rio, cujo cargo e salário ele manteve durante esse tempo. “O salário daqui era recebido por minha esposa na Venezuela, onde recebia também uma quantia em divisas”, explica. Militante do Partido Comunista desde os 25 anos, Rodríguez assinala que esse não é um requisito para participar das missões, mas implica “muito mais responsabilidade, já que é preciso assumir cargos de direção ou coordenação”.

Embora Rodríguez Martín tenha se recusado a falar sobre seu salário, o Brasil pagava 3.000 dólares (11,4 mil reais) mensais ao Governo cubano por profissional do programa Mais Médicos. Às mãos do especialista chegavam 750 dólares (2,8 mil reais). Muito pouco, embora uma fortuna em comparação com os 30 dólares (115 reais) que um médico recebe por mês dentro da ilha. E menos ainda se levarmos em conta a excelência da saúde cubana, que fez da capacitação de seus profissionais um motivo de orgulho e uma fonte de divisas.



A Avance Trade Company é uma empresa distribuidora de máquinas, automação, eletroeletrônicos, informática

Comercialização de equipamentos/produtos nacionais e importados na área de:

- Instrumentação;
- Automação Industrial;
- Laboratorial e Hospitalar;
- Áudio/vídeo, informática e suprimentos (Fotografia)
- Cozinha Industrial;
- Móveis empresariais;

- Equipamentos de medição;
- Equipamentos de Segurança e Sinalização;
- Refrigeração;
- Limpeza Industrial;
- Telecomunicação;
- Elétrica, eletrônica;
- Ferramentas;

Tels.: (27) 3347-1842 | 3347-4569 | 3026-4021
www.avancenet.com.br

Confira

Direção: Ir. Kheyte Vasconcelos Gomes
comercial@avancenet.com.br

ISOLAMENTO NO CAMPO: COMO VIVE UMA COMUNIDADE AMISH?



Alguns membros da comunidade Amish em Ohio.

Fred Linardi – Aventura na História

Para preservar os mandamentos da Bíblia, esses cristãos não assistem televisão nem podem fazer faculdade

Em 1693, o suíço Jacob Amman se desligava da religião menonita. Para ele, o grupo estava se distanciando dos ensinamentos do líder Menno Simons, que acreditava no anabatismo – o adiamento do batismo até a criança ser capaz de escolher a própria crença. Amman dava início, assim, a um novo grupo: os *amish*. Esses cristãos saíram da Europa e se instalaram em assentamentos rurais nos Estados Unidos no século 18, para se isolar e fugir do serviço militar.

Estudiosos da Bíblia, eles interpretam literalmente os textos e vivem de forma humilde e pacífica. Falam em um dialeto alemão entre eles e em inglês com pessoas de fora do distrito. Ignoram televisão, jornais e revistas. São uma sociedade fechada, com regras religiosas próprias, reunidas no Ordnung, uma lista de regras e condutas transmitidas verbalmente. Hoje, estão em mais de 31 estados americanos: são cerca de 330 mil membros, distribuídos em distritos de até 40 casas cada.

Entre colchas e cavalos

Uma fazenda *amish* é sinônimo de ordem, organização e simplicidade

A escola é exclusiva para as crianças do distrito e ensina matemática, inglês e alemão – o suficiente para iniciarem os trabalhos adultos e ingressarem no comércio. Depois disso, a vida escolar se encerra, já

que um jovem *amish* nunca deve frequentar faculdade. Quando atingem 16 anos, os jovens podem sair de casa e deixar de lado as restrições da religião. O rito, chamado Rumspringa, os autoriza a experimentar bebidas e a ir a festas. Eles têm a oportunidade de retornar aos assentamentos ou desligar-se da vida *amish*. De 85% a 90% voltam e são batizados.

A casa tem apenas o básico, sem telefone, televisão ou qualquer outro eletrônico. Os cômodos têm apenas móveis de madeira feitos pela comunidade. A cozinha é o principal espaço – a maioria não tem pia, apenas uma bomba de água. Cada fazenda da comunidade tenta produzir o que necessita, mas elas não são autossuficientes e negociam com o mundo externo. Assim, em pequenas lojas familiares, os *amish* vendem móveis, colchas e comidas típicas. Parte dos ganhos é doada para a compra de terras coletivas.

As cerimônias e cultos são realizados aos domin-



gos, a cada 15 dias, nas casas do distrito. O costume vem da origem da religião. Perseguidos por séculos, seus membros se uniam discretamente para orar. Os líderes são os bispos, os pregadores e os diáconos, eleitos pela comunidade. Após os cultos, a família anfitriã oferece uma refeição.

As carroças são utilizadas para ir a localidades próximas, mas, quando é necessário, as pessoas pegam caronas com conhecidos. A energia elétrica é usada apenas para ordenhar vacas – a iluminação é feita com lampiões. Os aparelhos de marcenaria funcionam à base de força hidráulica, pneumática ou de geradores.

A construção de um celeiro é um evento comunitário e reúne homens e mulheres. É organizado para ajudar recém-casados ou para substituir outro celeiro danificado. O uso de guindaste mecânico para levantar as vigas de sustentação já é permitido, mas o restante é realizado de forma tradicional.

A vestimenta *amish* também chama a atenção: Os homens vestem calças sem pregas e terno de cor escura, sem lapela e colarinhos. Usam chapéu, suspensórios e ganchos para prender a roupa. A meia é preta, cinza ou azul. Quando se casam, deixam a barba crescer. Não usam bigode. Já as mulheres usam vestidos escuros, com mangas e saias longas e aventais claros nos trabalhos domésticos e nos cultos. Uma touca cobre os cabelos e o gorro preto é o símbolo matrimonial. O sapato deve cobrir o calcanhar.

← Fazenda *amish* localizada próximo à cidade de Morristown, Nova Jersey [Wikimedia Commons](#)

A LUTA DE UM CASAL FRANCÊS PARA PÔR NA CADEIA OS PARTICIPANTES DO GENOCÍDIO EM RUANDA



Alain e Dafroza Gauthier

Fernando Eichenberg - Época

A primeira vista, Alain e Dafroza Gauthier formam um casal de aposentados de vida pacata e aprazível em Reims, a capital da região de Champagne, no nordeste da França. Ela, de 64 anos, ex-engenheira química, e ele, de 69, ex-professor de francês, residem em uma casa de amplas janelas e um belo terraço, onde costumam receber a visita dos três filhos, de 38, 35 e 30 anos. Mas, além das aparências, seu cotidiano se assemelha a uma complexa e interminável trama detetivesca. Há cerca de 20 anos, o casal Gauthier vive seus dias mergulhado em uma única missão: desmascarar na França suspeitos de terem participado do genocídio em Ruanda, em 1994, e denunciá-los à Justiça.

Estima-se em cerca de 800 mil o número de vítimas da violência perpetrada pelas milícias da maioria étnica hútu contra a minoria tútsi no país africano, num período de 100 dias, entre abril e julho de 1994. Em novembro do mesmo ano, o Conselho de Segurança das Nações Unidas instituiu o Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TIPR), com sede em Arusha, na Tanzânia. Suas atividades foram encerradas em 2015. Alain e Dafroza debutaram em 1997 em suas investigações sobre eventuais genocidas foragidos em território francês. Em 2001, para aumentar as chances de alcançarem seus objetivos, criaram a associação Coletivo de Partes Civas para Ruanda (CPCR), responsável, até hoje, pela abertura de 25 processos na Justiça francesa.

Nascida em Butare, no sul de Ruanda, Dafroza fugiu para o Burundi aos 19 anos, na onda de perseguições aos tútsis no pogrom de 1973. Após sete meses, conseguiu se juntar na Europa a seu irmão mais velho, refugiado político na Bélgica desde 1961. Alain trocou seu serviço militar, aos 22 anos, pelo programa de cooperação em um país estrangeiro e partiu, em 1970, como professor de francês para Butare. No final de sua temporada de dois anos, lecionou na escola em que Dafroza estudava. Em 1974, já vivendo na Bélgica, ela visitou um amigo comum no sul da França, um padre que haviam conhecido em Ruanda. “Ele me avisou que Dafroza viria visitá-lo e me perguntou se não gostaria de revê-la. Eu morava a uma centena de quilômetros e fui. Logo depois, nossa história começou. Faz 44 anos que nos conhecemos e 41 que nos casamos”, contou Alain, sentado ao lado da esposa em um banco no ensolarado pátio de sua casa em Reims. Em 1977, ela obteve a nacionalidade francesa graças ao casamento.

Os anos se passaram, com viagens regulares da família a Ruanda para visitar a mãe de Dafroza, Suzana Mukamusoni, e familiares — o pai havia morrido nos massa-

eres de Gikongoro, em 1963. “Em 1989, foi a última viagem que fizemos todos juntos, com nossos três filhos. A guerra civil eclodiu em outubro de 1990, com o ataque da Frente Patriótica de Ruanda (FPR) pelo norte, e tudo ficou mais difícil”, recordou ela.

Dafroza retornou sozinha a Ruanda em 1994, um mês antes do início do genocídio, deflagrado após o atentado de 6 de abril, que vitimou o presidente hútu Juvénal Habyarimana. Sua mãe estava na casa de uns primos, na capital, Kigali. “Cheguei no final de fevereiro, num dia de incrível violência. Havia um comício do Movimento Democrático Republicano (MDR, *governista*) no estádio de Nyamirambo, nos arredores de nosso bairro. Na saída, foi um delírio. As casas dos tútsis eram alvos de pedradas, insultos. E não parou mais. Houve mortes nos dias seguintes, foi horrível. Fiquei apenas uma semana, fui embora no começo de março, minha mãe pediu que partisse para não correr riscos”, relatou.

Os massacres genocidas começaram no dia 7 de abril. No dia 8 pela manhã, sua mãe, que havia se refugiado numa igreja, foi executada pela milícia hútu com dois tiros nas costas, com outros tútsis. Foi Alain quem lhe deu a notícia, na tarde do mesmo dia, após ter falado por telefone com o padre da paróquia. A voz de Dafroza falhou e seus olhos marejaram ao recordar a morte da mãe, então com 70 anos: “Para mim, é uma lembrança muito sofrida. Naquela viagem, foi a última vez em que a vi. Foi difícil perceber como éramos impotentes, que nada podíamos fazer. É muito duro”.

Quase todos os familiares de Dafroza morreram durante os 100 dias de violência. Em 10 de junho, sua prima Geneviève e outros tútsis foram queimados vivos numa fossa comum, com pneus embebidos de gasolina. “Ficamos três meses pendurados no telefone”, lembrou Alain. “Recebíamos muitos fax, chamadas do Hôtel des Mille Collines, em Kigali, onde havia muitos refugiados tútsis. Muitas pessoas nos pediam socorro, mas não pudemos fazer nada de concreto a não ser organizar manifestações, alertar a mídia, denunciar o papel da França.”

O casal viajou novamente para Ruanda em 1996 e 1997. Na segunda vez, colheram depoimentos de sobreviventes da igreja Sainte-Famille, em Kigali, para o processo do padre Wenceslas Munyeshyaka, refugiado na França e acusado de cúmplice de genocídio. Em 21 junho deste ano, passadas mais de duas décadas, a Justiça francesa arquivou o processo por insuficiência de provas. Em 2001, ocorreu na Bélgica o primeiro grande julgamento contra suspeitos do genocídio de Ruanda refugiados no país. Pela primeira vez em júri popular, foram julgados — e sentenciados culpados com penas de 12 a 20 anos — quatro ruandeses originários de Butare:

um ex-ministro, um professor universitário e duas religiosas. Alain e Dafroza acompanharam todo o processo no tribunal de Bruxelas e ao final decidiram criar sua associação.

“A partir dali nosso trabalho realmente começou”, contou Alain. “Ao tomarmos conhecimento de um nome suspeito aqui na França, partíamos para Ruanda em busca de provas. Investigávamos, tentávamos obter testemunhas, entregávamos todo o material a nossos advogados, que, então, encaminhavam à Justiça francesa.”

Os nomes de possíveis genocidas chegam a eles de diferentes maneiras, inclusive por cartas anônimas depositadas em sua caixa de correio. A primeira vitória do casal veio em dezembro de 2016, com a condenação em segunda instância de Pascal Simbikangwa — ex-membro do serviço de inteligência do governo ruandês e alcunhado de Torturador — a 25 anos de prisão por genocídio e cumplicidade em crimes contra a humanidade. No último 6 de julho, Tito Barahira e Octavien Ngenzi, ex-prefeitos de Kabarondo, foram sentenciados em Paris à prisão perpétua pelas mesmas acusações, num processo de dois meses de duração que teve a audição de cerca de 70 testemunhas de Ruanda.

Apesar do veredicto favorável a sua causa, Dafroza experimenta um gosto amargo na vitória: “No dia da sentença, digo a mim mesma que, enfim, essas pessoas vão para o lugar que merecem, a prisão. Mas os assassinos nunca pediram perdão. Mentem, negam até o fim, desprezam as vítimas. São como os negacionistas, que dizem que as câmeras de gás do Holocausto não existiram”. Para ela, o que mais dói é ouvir deles essa negação. “Que aos menos nos dissessem parte da verdade, para nos confortar. Nos processos populares, pediram perdão ao Estado ruandês, a Deus, mas não aos sobreviventes e familiares das vítimas. Por que os perdoaríamos?”

Em cerca de 20 anos, no entanto, ocorreram apenas três condenações. O casal também sofreu reveses na Justiça. Houve três arquivamentos por falta de indícios, além de um falecimento antes do julgamento. “O surpreendente é a Justiça francesa não estar na iniciativa desses processos. Isso começa a ocorrer só agora. Além disso, apesar dos mandados de prisão internacional emitidos por Ruanda, os tribunais franceses sempre rejeitaram as extradições. Houve 42 rejeições”, lamentou Alain. Dafroza acredita que, nos anos futuros, a tarefa será ainda mais complicada para sua associação: “O tempo faz seu caminho, e encontrar testemunhas 25 anos depois é cada vez mais difícil. Com nossa pequena estrutura, não temos os meios para fazer uma investigação como se deve”.

MORRE BERNARDO BERTOLUCCI, O PINTOR DE AFRESCO DE CINEMA EM VERMELHO E PRETO



Por Dominique Widemann-l'Humanité

O grande cineasta Bernardo Bertolucci acaba de desaparecer em Roma. Ele tinha 77 anos. Em 2011, ele recebeu uma Palma de Ouro de Honra no Festival de Cannes por todo o seu trabalho.

Com Bernardo Bertolucci, um esplendor como nenhum outro sai. O de uma visão épica em que as preocupações políticas e íntimas atingem a alta poesia, a sensualidade magnética. Para ele, o camaleão, na figura heráldica, adornava seu questionamento das verdades da história e da profundidade dos seres que peneirava juntos, através de seus quadros luminosos.

Nascido em 1941, filho do poeta Attilio Bertolucci, Bernardo escreveu ainda adolescente. Aos 15 anos, suas letras são premiadas. O jovem parte para Roma, conhece Pasolini, que será assistente de Accattone em 1961. Quando em 1962 fez o seu primeiro filme, os Recrutados, Pasolini deu-lhe o tema. Uma prostituta é encontrada morta. A polícia questionará seus clientes como muitos suspeitos. Essa visibilidade do todo pelas facetas que retornam à sombra sinalizam a singularidade de Bertolucci. Ele admira seu mentor para fins criativos. Militante comunista, filho de uma boa família cujos documentos estão borrados de dúvidas, Bernardo Bertolucci está localizado em Parma, a cidade do pai, sua *Prima della Rivoluzione*. Inspirado por Stendhal e o "herói tão pequeno herói" do seu *Chartreuse*, o filme revela um jovem Fabrice revoltado pelas instituições do poder, oscilando entre sua paixão pela causa dos trabalhadores e o destino ordeiro encarnado

pela bela Clélia. Máscaras e enredos, o fardo dos membros de Édipo e de classe farão parte dos temas recorrentes do trabalho do cineasta. Sua deslumbrante cinematografia, aliada à sua busca por formas inovadoras, detém sua lanterna mágica na nova onda, e especialmente Jean-Luc Godard. Isto será seguido em 1968 pelo filme *Parceiro*. Em Paris, citada aos olhos de Bertolucci a Cinemateca ajuda a colocar na glória, as bandeiras se erguem em vermelho. O sucesso ainda não está no encontro. Ele está ardendo

Como resultado, *o Conformist*. Na Itália, em 1935, o jovem Marcello Clerici (Jean-Louis Trintignant) é um vergonhoso filho de pai com demência sífilítica e mãe com gigolô. Ele se derreterá no cinza do governo fascista com um zelo que o levará a cumprir uma missão suprema, para assassinar seu ex-professor, opositor político refugiado em Paris. Este é o lugar onde o amanhecer frio vai imitar o assassinato por vir. Vamos refazer a rota que guiou Clerici por flashbacks. Geometrias implacáveis da Itália de Mussolini sujavam obscenidades onde a suposta homossexualidade do personagem é mais repreensível do que um crime de sangue; luzes libertadoras da Paris da Frente Popular, que adornam a beleza do espírito e dos corpos dançantes. Uma coreografia provocante reúne a bela esposa da professora, Anna (Dominique Sanda), e a de Clerici, burra e mesquinha burguesa em adequação aos ideais de seu marido que a covardia moral e amorosa subjuga. Um romance de Alberto Moravia foi baseado no assunto. Em 1969, Bertolucci participa com Dario Argento no roteiro do filme de Sergio Leone *Era uma vez no Ocidente*. No ano seguinte, é por meio de um texto de Borges que realiza *a estratégia da aranha*.

***The Last Tango in Paris*, símbolo de filme de violência sexual**

Em 1972, Bertolucci é o homem por quem o escândalo chega. *O último tango em Paris* apresenta o conflito mortal de impulsos. Em um apartamento vazio perto do skytrain, um homem (Marlon Brando), viúvo de uma mulher que acabou de cometer suicídio, se envolve em sexo cru com uma mulher desconhecida (Maria Schneider). Quando saiu, o filme é escandaloso. Ele refez o escândalo em 2013, quando Bernardo Bertolucci confidenciou que Brando e ele haviam ocultado da atriz a violência paroxística de uma cena de sodomia ainda famosa. Um sentimento de estupro na jovem atriz. Um longo silêncio. Três anos se passam. Em 1976, um enorme afresco aparecerá, 1900. Cinco horas, seguiremos a jornada de dois homens desde o final da Primeira Guerra Mundial até o início e fim do fascismo. Lutas e classes nascem e brotam que encarnam o Padrone e o Camponês (Robert de Niro e Gerard Depardieu). Quase dez anos depois o último imperador vai jogar as liberdades de um homem espartilho, o último descendente da dinastia manchú. Nove Oscars saudarão sua beleza estonteante. Vertigem mais existencial marcará um chá no Saara, em seguida, a visão do terceiro olho que ilumina o pequeno Buda. Outros filmes seguirão. Nos quartos que não estão fechados. Se em mim e você, em 2012, bandeiras e barricadas são contempladas pela janela, o desejo continua a atacar os totens e os tabus. Imperecível. bandeiras e barricadas são contempladas pela janela, o desejo continua a atacar totens e tabus. Imperecível. bandeiras e barricadas são contempladas pela janela, o desejo continua a atacar totens e tabus. Imperecível.





PERITO AVALIADOR

AMARO COUTINHO

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

Confira algumas de nossas oportunidades



**Propriedade Rural
com fonte de água
mineral de mesa
fluoretada**

Detalhes



**Apartamento 3
quartos com suite
em Santa Luiza
Serra/ES**

Detalhes



**Terreno BR 101
Norte - Serra/ES
Em frente ao Posto
Chapada Grande**

Detalhes

Somos capacitados a prestar os seguintes Serviços

Vendas



Prestamos assessoria a compradores e vendedores de imóveis novos e usados.

Avaliações



Avallações e perícias Judiciais em ações como desapropriações, indenizatórias, demarcatórias, perdas e danos, renovatória de locação, usucapião, vistorias, lucros cessantes entre outras...

Consultoria e investimentos



Prestamos serviço de consultoria para você que busca fazer um investimento.



PERITO AVALIADOR

AMARO COUTINHO

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F
27 3067-2727 | + 55 27 99960-2727

Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

www.amarocoutinhoimoveis.com